

CRÍTICA BIBLIOGRÁFICA

Emerita — Boletín de lingüística y filología clásica. Tomo XIII. Semestres 1.º y 2.º, 396 pp. Madrid, 1945.

Sem dúvida, de nenhum especialista de filologia clássica em Portugal ou de qualquer pessoa verdadeiramente interessada por estes estudos é desconhecida a revista *Emerita*, publicada em Madrid pelo *Consejo Superior de Investigaciones Científicas*, sob a directa intervenção do *Patronato «Menéndez y Pelayo»* e do *Instituto «Antonio de Nebrija»*. E, por certo, também nenhum deles ignora quanto esta revista tem contribuído para um maior desenvolvimento dos estudos clássicos, ou para maior disseminação das conclusões apuradas pelas mais recentes investigações científicas.

O presente volume, contudo, merece-nos especial menção, por isso mesmo que foi publicado em comemoração do quinto centenário do nascimento de Nebrija, ocorrido em 1444. E, não só pela importância da figura comemorada, como ainda pela natureza de alguns estudos insertos no volume acima indicado, importa à índole desta revista assinalar o facto, e dele tirar desde já meditação e exemplo para o estudo que nos estão exigindo de há muito alguns dos nossos mais notáveis humanistas do século de Quinhentos.

Pelo que toca à figura do grande fixador da língua espanhola, já Bywater, em 1908, lamentara a falta de um estudo completo sobre a obra de Nebrija, que não esquecesse a amplitude da sua actividade e fixasse o valor científico dos seus escritos. Para satisfação deste desejo, o *Instituto «Antonio de Nebrija»* resolveu, em Janeiro de 1943, publicar em forma de miscelânea vários estudos relacionados directa ou indirectamente com a figura do seu patrono, para o que obteve colaboração de estudiosos nacionais e estrangeiros. Dela se apresenta agora o primeiro volume, que pro-

NOTA DA REDACÇÃO. — Nem todas as recensões agora incluídas na secção de «Crítica bibliográfica» dizem respeito a obras de publicação muito recente. Se tal acontece, é porque a revista do Instituto de Estudos Clássicos levou alguns anos a organizar e cedo começaram a receber-se contribuições dessa natureza. De futuro, todavia, far-se-á o possível por que as obras a criticar sejam sempre, em data, mais ou menos próximas de cada volume de *Humanitas*, ao mesmo tempo que se procurará, sob vários aspectos, melhorar esta secção.

mete ser seguido de dois outros, para os quais o referido Instituto possui trabalhos inéditos.

O primeiro volume é já, no entanto, claro índice da natureza da comemoração e do escrúpulo científico posto na glorificação de uma figura que não precisa de enfeites imaginários para se adornar. Nem a responsabilidade docente dos autores que subscrevem os artigos se compadeceria com outra atitude, nem o tom em que foram escritos nos deixa suspeitar de que houvesse no estudo da figura de Nebrija um deliberado intuito de exaltação, para além do que naturalmente decorre da sua vida útil e operosa.

Uma das observações de carácter geral que o leitor será levado a fazer é precisamente a de que o presente volume não manifesta qualquer matiz laudatório de um *In memoriam*, antes se limita a fixar muito objectivamente tudo o que, de muito ou pouco significativo, documentalmente se verificou até hoje, ou, com igual base, se pode legitimamente estabelecer como hipótese.

Não nos cabe a nós, que estamos longe das fontes de informação e que não podemos dedicar-nos ao seu estudo particular, averiguar da plena certeza das conclusões apresentadas ou da justeza dos raciocínios feitos. Mas podemos registar aquele sentimento de convicção que nos ficou, resultante da laboriosa documentação apresentada, e aquela sensação de segurança que a continência dos raciocínios gera sempre no espírito de qualquer leitor suficientemente avisado.

Registemos também que os estudos insertos neste volume são de diferente natureza e alcance. Uns, como os de Antonio Calderón y Tejero, de M. García Blanco e de Antonio de la Torre, investigam aspectos relativos à biografia de Nebrija e, particularmente, à sua casa natal, à sua casa em Salamanca, e à que habitou em Alcalá de Henares. O primeiro destes autores faz seguir o seu artigo da publicação de duas poesias latinas de Nebrija, a segunda das quais na sua forma mais autêntica e primitiva, e que nos informam suficientemente da sua facilidade de composição em verso, da sua elegância no dizer latino e da sua sensibilidade poética.

Outros incidem particularmente no estudo de personalidades ou de temas relacionados com a figura de Nebrija. Tal é o de Antonio Tovar, ao situar a actividade crítica de Fernán Núñez de Guzmán sobre os manuscritos helénicos da Universidade de Salamanca, e especialmente sobre o códice B dos bucólicos gregos. Tal é o estudo, algo deslocado, de Felipe Mateu, sobre a decadência da escrita no século XVI, e idêntico em propósitos o trabalho de Miguel Batllori, S. I., ao apresentar-nos a figura do humanista do século XVIII, Juan Andrés. Antonio Marín Ocete fala-nos das relações de amizade pessoal e cultural entre Nebrija e Pedro Mártir de Anglería, renascentista italiano de quem o primeiro prefaciou e elogiou algumas obras. E Manuel de Montoliu, num breve mas claro artigo, faz a indicação do problema do predomínio da província de Castela-a-Velha sobre outras províncias espanholas que deram a Espanha os maiores poetas quincentistas e onde, no entanto, o esplendor literário não resistiu ao ímpeto conquistador da fala castelhana.

De outro relevo e importância para o estudo directo da figura de Nebrija e de outro valor informativo para o conhecimento da sua acção cultural e do papel que desempenhou na difusão do humanismo em Espanha são, no entanto, os artigos de Mariano Basols de Climent, de Ign. Errandonea, S. I., e de Benito Sánchez Alonso.

O primeiro analisa a difusão que a Gramática Latina de Nebrija alcançou na Catalunha e a influência que exerceu no melhor conhecimento do idioma do Lácio. A gramática de Francisco Sánchez de las Brozas, um século depois, continuaria a sua tentativa da depuração do latim, tendente a dar-lhe, como linguagem de intercâmbio cultural, o recorte dos autores clássicos da antiga Roma. No entanto, Nebrija continuaria a servir de base para a elaboração dos livros escolares, por ser mais lógico e menos artificioso, mais destinado a indicar o «como» dos fenómenos linguísticos do que a discutir os «porquês».

Uma análise comparativa da Gramática Latina de Nebrija com o *Doctrinale* de Alexander de Villa Dei, dos princípios do século XIII e largamente utilizado nas universidades mais famosas da Europa, permite ao autor fazer-nos notar como Nebrija se afastara do conceito medieval, que fazia da gramática uma ciência especulativa que quase prescindia da forma em que uma língua se manifestava, para lhe atribuir um objectivo mais humilde, útil e positivo, qual era o de ensinar a falar e a escrever correctamente, com base no uso e autoridade dos grandes escritores. A sua própria documentação é diferente, por isso que, em vez de se abonar com os gramáticos medievais, vai procurar a base das suas afirmações principalmente em Donato, e em Prisciano, Sêrvio e Cícero.

O segundo dos autores indicados faz-nos assistir à evolução histórica da pronúncia do grego, para nos mostrar quanto a acção e ensino de Nebrija estão na base da pronúncia vulgarmente chamada erasmiana, e quanto Erasmo dele aproveitou para escrever, com maior desenvolvimento e mais larga fundamentação, o seu famoso *De recta Latini Graecique sermonis pronuntiatione... Dialogus*. O autor não deixa de nos chamar a atenção para o carácter apriorístico de alguns argumentos de Nebrija, mas igualmente se não esquece de pôr em relevo como, através das várias oscilações da pronúncia do grego, se mantiveram os princípios fundamentais expostos por Nebrija e como o neo-humanismo alemão do século XIX veio rebater a atitude pseudocientífica de Henning, que, em 1684, defendera a leitura do grego com base nos mesmos princípios da leitura tradicional latina.

Finalmente, no último artigo, registam-se alguns aspectos da autoridade e originalidade que o grande humanista alcançou no campo da história. Por certo que a atitude geral de Nebrija havia de ser semelhante à de quantos humanistas do Renascimento encontraram em Tito Lívio e outros autores os moldes da sua elaboração historiográfica. Concebida a história como obra fundamentalmente literária e embelezadora da vida, como mestra e fonte de exemplos morais, necessariamente que não havia de presidir à sua elaboração um critério rigorista de exactidão e de verdade dos pormenores. A fácil aceitação de notícias mal fundadas, a apresen-

tação de discursos mais eloquentes do que verosímeis, forjados ou modificados, haviam de ser inevitavelmente o defeito geral da obra histórica de Nebrija, como o foram da maior parte dos historiôgrafos renascentistas.

Mas nem por isso se deixa de mostrar o tino e sagacidade com que Nebrija discorre quando considera errada qualquer asserção alheia, o modo como acrescenta à sua matéria esclarecimentos onomásticos e geográficos, e, sobretudo, o recorte da sua prosa latina, não eivada dos hipérbatos e construções rebuscadas do tempo, mas diáfana e singelamente elegante. Isto, no que toca à sua adaptação humanística da obra em castelhano de Fernando del Pulgar, como no que diz respeito à obra original *De bello Navariensi*, de cujos acontecimentos fora testemunha directa e cujo relato é intencionalmente animado, com capítulos esmerados e com sagacidade de atitude, tendente a justificar moral e politicamente os feitos dos Espanhóis aos olhos dos próprios Espanhóis.

Com estes três artigos a que ultimamente nos referimos, a figura intelectual de Nebrija fica perante nós mais iluminada e adquire maior significado. Aguardemos por isso que os dois outros volumes prometidos tragam para este campo idêntico, se não maior, contributo, e que neles predomine a feição interpretativa e avaliadora da sua obra, mais do que a visão biográfica ou meramente exterior da sua pessoa.

F. COSTA MARQUES

Palaestra Latina — An. xvii — N.º 102. MM. Decembri et Januario.
An. D. MCMXLVI-VII. Barcinone.

A uma revista da natureza de *Humanitas* não pode ser indiferente que há anos se venha editando em Espanha uma publicação que, sem ter intuítos fundamentalmente científicos, tem contudo contribuído para manter entre nós o conhecimento e domínio efetivo da língua latina.

O número de *Palaestra Latina* que temos presente vem-nos recordar todos os serviços devidos a tal publicação, dos quais importa dar algum conhecimento ao leitor menos informado.

Sucedânea de *Candidatus Latinus*, que, de 1928 a 1930, se publicou na Universidade de Cervera, dirigido por professores da congregação do C. M., logo o seu objectivo fundamental foi expresso no primeiro número daquela revista pelas seguintes palavras: *Nonne vult Reverentia tua ut adulescentes tibi commissi lingua Latina libenter, fructuose, solide imbuantur?* E de então para cá esta publicação não se desviou ainda do seu alvo didáctico, embora seja possível, folheando todos os seus números, encontrar nos mais recentes uma feição algo diversa.

De 1936 a 1938, por motivo das agitações políticas e sociais da época e da morte violenta do seu prestigioso director, o professor Manuel Jové, C. M. F., a publicação da *Palaestra Latina* esteve interrompida; mas

logo recomeçou em Janeiro de 1939, sob a direcção de J. M. Jiménez Delgado, C. M. F., e, com esta nova série, a revista passou a apresentar também alguns estudos helénicos, escritos em castelhano, e a fazer a reedição anotada de alguns textos de Virgílio, de Tito Lívio e de Homero.

Não obstante, persiste nela a feição didáctica inicial, a que preside a intenção visível de modernizar o ensino prático do latim, aproveitando do método directo das línguas vivas aquilo que neste campo é possível aplicar às línguas clássicas.

Por isso mesmo, a par de um ou outro artigo de discussão literária ou linguística e de breves notícias bibliográficas, *Palaestra Latina* é sobretudo constituída por secções variadas, cujos títulos bastam para indicar os seus intuítos: *Commercium epistolare*; *Nova et vetera*; *Curiosa et jocososa*; *Utile dulci*. Deste modo, é fácil encontrar nos seus diferentes números lições organizadas para professores, exercícios escolares respectivos, preparações de temas de composição latina, correcções e variantes de trabalhos de alunos, poesias e trechos originais latinos ou vertidos de outras línguas para latim, diálogos familiares, narrações, fábulas e pequenas dissertações.

As próprias regras gramaticais são, por vezes, dadas em verso rimado ou em diálogos travados entre diversos alunos. E, para atender à curiosidade natural dos jovens estudantes, apresentam-se veículos, instrumentos e cenas da vida moderna em figuras acompanhadas da respectiva terminologia latina. Por outro lado, narrativas folhetinescas, fórmulas de conversação, adivinhas, palavras cruzadas, sentenças e anedotas postas na língua do Lácio criam o gosto da apreensão do texto e libertam o aluno da obsessão de uma linguagem formalista, demasiado afastada das necessidades de expressão dos interesses juvenis.

Descrições em latim do corpo humano, do vestuário actual, das habitações, dos veículos, das ruas e praças; cenas da vida corrente, familiar e social; aspectos da vida campestre e das estações do ano; pequenas peças dramáticas ou breves histórias com figuras e legendas; indicações de episódios biográficos de escritores ou de artistas plásticos; discussão dos termos latinos a empregar para a denominação e descrição de engenhos tão recentes como os tanques de guerra e os aviões — tudo isso vem ajudar professores e alunos a conceber mais concretamente que a língua latina não foi só instrumento literário, como também meio de expressão directa ainda hoje utilizável.

Sem dúvida, os argumentos frequentemente aduzidos contra o ensino modernizado de uma língua que até hoje se tem defendido sobretudo com razões de ordem filológica e com imponderáveis elementos de formação do espírito, poder-se-ão levantar igualmente contra os objectivos e realizações desta revista. A pedagogia teórica teria aqui largo campo para dissertar. Mas quem conhece a realidade viva do ensino médio e os caminhos do interesse juvenil que levam à aquisição do gosto pelas línguas clássicas, não poderá deixar de se regozijar com a existência de uma revista que auxilia o trabalho do professor e satisfaz os interesses espontâneos do aluno.

Evidentemente, *Palaestra Latina* não ignora que a sua função é a de servir de instrumento ou de ponte de passagem para um estádio linguístico ulterior, onde a expressão literária e a apreensão estética tenham maiores possibilidades de existência. Mas também não esquece que para se alcançar o óptimo é necessário começar pelo bom, e que por isso mesmo também cabe aos seus leitores compreendê-la dentro dos objectivos que ela se propôs.

Pudéssemos nós ver em Portugal, pelo menos, a auxiliar a tarefa de professores e de estudantes, aquele mesmo sentido das realidades escolares que *Palaestra Latina* tão claramente revela!...

F. COSTA MARQUES

Mémorial des études latines — publié à l'occasion du vingtième anniversaire de la Société et de la Revue des études latines, offert par la Société à son fondateur J. Marouzeau, professeur à la Faculté des Lettres de Paris, Directeur d'études à l'École des Hautes Études. Paris, Les Belles-Lettres, 1943; 688 pp., in-8.º

Em 22 de Março de 1923, constituía-se em Paris a Sociedade de Estudos Latinos, formada por um grupo de filólogos da Sorbona, com a intenção manifesta de congregar todas as pessoas que se interessassem pelos estudos latinos: franceses ou estrangeiros, sábios, humanistas, professores ou simples estudantes. Com um âmbito tão vasto e uma alma tão entusiasta como a do seu fundador, J. Marouzeau, à Sociedade estava reservado um glorioso futuro. E assim é que, vinte anos depois, ao abarcar do alto o caminho percorrido, somos obrigados a reconhecer que as suas esperanças foram amplamente satisfeitas, o seu programa admiravelmente cumprido: mais de oitocentos membros societários e assinantes, espalhados por todo o mundo; sessões mensais da Sociedade, destinadas a comunicações e à discussão dos mais variados assuntos das diversas disciplinas; uma «Colecção» que contava em 1943 nada menos de 24 volumes de inegável valor científico; uma revista, enfim, a clássica *Revue des études latines*, ponto de reunião dos mais eminentes especialistas da França e do estrangeiro, fulcro de consagração dos novos estudiosos e crivo imparcial de tudo quanto se publicou no domínio do latim desde o ano de 1923, em que Marouzeau tomou a sua feliz iniciativa.

Para comemorar este aniversário, pensara Marouzeau na publicação de um volume especial, que fosse ao mesmo tempo «um balanço dos resultados obtidos e um programa de futuro». Desejosos de testemunhar a sua admirativa gratidão ao fundador da Sociedade e director da Revista, encarregaram-se os societários da publicação desse *Mémorial*, que foi ofe-

recido, em homenagem, ao Mestre, no decurso de uma cerimónia íntima, realizada na Sorbona em 19 de Dezembro de 1943.

É deste impressionante tomo, o XXI da *Revue*, que me proponho fazer breve apreciação para os leitores de *Humanitas*.

As 688 páginas de que se compõe o *Mémorial* incluem 37 artigos, assinados pelos mais categorizados nomes das universidades francesas, referentes todos ao domínio do latim, e que elucidam o leitor sobre o estado actual dos problemas em disciplinas como a filologia, a história literária, a história das instituições, a história das religiões, o direito romano, a paleografia, a crítica dos textos, a epigrafia, a arqueologia romana e galo-romana, a pedagogia e a bibliografia. Repartido por categorias mais gerais, o volume abrange 11 relatórios sobre linguística e filologia, 7 sobre história literária, 16 sobre ciências históricas auxiliares e 3 sobre ensino e documentação; aos quais importa acrescentar um índice, muito útil, das sugestões de trabalhos e investigações propostas nas crónicas da *Revue des études latines*, e que constitui uma espécie de recapitulação dos 20 tomos já publicados.

Esta enumeração, eloquente na sua simplicidade, sê-lo-á ainda mais quando houvermos tomado conhecimento, pela exposição que se segue, dos nomes consagrados que assinam esses relatórios. E o prestígio de que Marouzeau desfruta no mundo dos latinistas ainda mais ressaltará, se nos lembrarmos de que este belo volume representa apenas a homenagem dos latinistas franceses: não permitindo realmente as circunstâncias críticas de 1943 que os sábios estrangeiros se associassem a esta homenagem, o *Mémorial* inclui apenas o contributo francês (com duas excepções: A. Burger, de Neuchâtel, e N. I. Herescu, de Bucareste). Mas, partindo muito justamente do princípio de que «uma homenagem a J. Marouzeau não reveste todo o seu significado, se não é internacional», uma comissão, composta por J. Ernst, C. J. Fordyce, N. I. Herescu, J. Hubaux, R. G. Kent, E. Löfstedt e A. Rostagni, tomou a iniciativa de apresentar ao Mestre um volume de *Mélanges* que reúna também as contribuições dos sábios estrangeiros.

Enquanto não saem os *Mélanges*, voltemos ao *Mémorial*, para analisar o seu conteúdo. Tarefa nada fácil, pois este sintético balanço dos últimos vinte anos nos diferentes domínios da latinidade constitui uma densa colectânea de ideias e sugestões, um livro substancial para ser longamente meditado e estudado de lápis na mão.

Michel Lejeune, catedrático da Faculdade de Letras de Bordéus, abre o volume e a secção «Linguística e filologia» com um relatório sobre «A posição do latim no domínio indo-europeu» (pp. 7-31). Insurgindo-se contra a tese de Walde-Devoto, que contesta não só a unidade italo-céltica como até a itálica, propõe Lejeune um método linguístico de investigação cronológica, e, baseado em certas correspondências entre o itálico e o céltico por um lado, o hitita, o tocário e o indo-irânico por outro, conclui que os falares itálicos e célticos continuam uma forma arcaica da língua comum. A discussão das diferentes teorias é orientada com vigor, conforme o testemunha esta corrosiva apreciação da obra linguística de

A. Juret: «L'article de A. J. [...] n'appelle pas même la discussion, non plus que l'ensemble de ses travaux étymologiques des dernières années» (p. 26, n. 2).

Com o título de «Lingua latina e dialectos itálicos» (pp. 32-46), A. Ernout, professor da Sorbona e membro do Instituto de França, dá-nos, em breve exposição, as suas abalizadas opiniões sobre o que está feito e o que ainda resta por fazer no estudo dos dialectos pré-itálicos e itálicos: pessimismo quanto à pré-história da Itália e à língua etrusca, sobre as quais ainda reinam a ignorância e a incerteza, a despeito dos numerosos trabalhos publicados ultimamente; optimismo quanto ao latim, cuja fonética e morfologia estão mais ou menos esclarecidas, restando agora estudar sobretudo o vocabulário. «Malgré les apparences, tout n'a pas été dit; [...] une langue comme le latin [...] est une matière à peu près inépuisable» — conclui douta e filosoficamente o sábio latinista.

J. Cousin, catedrático da Faculdade de Letras de Besançon, colabora no *Mémorial* com um estudo sobre «As linguagens especializadas» (pp. 37-54): linguagem das profissões, das actividades intelectuais, do comércio, da ciência, da literatura, as gírias, a germania dos círculos, das castas, das escolas, das religiões e de toda a actividade humana em geral — consideradas nos seus aspectos fonético, morfológico, sintáctico e estilístico. Contribuição rica de sugestões, que se aparenta, pelo lado lexicográfico, com a que imediatamente se lhe segue.

Trata-se «Dos vocabulários técnicos em latim» (pp. 55-79) e vem assinada por E. de Saint-Denis, catedrático da Faculdade de Letras de Dijon. Documentando a sua exposição com exemplos tirados dos autores latinos e utilizando com proficiência a bibliografia que lhes respeita, dá-nos também uma série de sugestões quanto ao estudo — ainda por fazer — das linguagens técnicas latinas, e passa em revista os vocabulários agrícola, militar, náutico, meteorológico, astronómico, filosófico, artístico, crítico-literário, médico, etc.; depois do que examina alguns problemas de método, que se referem: 1) a dados de etimologia; 2) à evolução dos termos técnicos; 3) às definições dos antigos; e 4) à procura de uma indicação decisiva nos casos controversos. Em face desta amostra de tanta valia, temos o direito de esperar de Saint-Denis o estudo dos vocabulários técnicos latinos, que tão brilhantemente encetou já na sua interessante monografia sobre *O Vocabulário das Manobras Náuticas em Latim* (Mâcon, 1935).

André Cordier, saudoso catedrático da Faculdade de Letras de Lille, dá-nos em «A língua poética de Roma» (pp. 80-92) uma contribuição de valor quanto à técnica da língua poética, cujo estudo se impõe nos seus dois aspectos: descritivo e histórico (1).

(1) Uma correcção de pormenor, em p. 83, n. 1: o último Índice em data não é o de Silius (1930), mas o dos *Aratea* de Cícero (1941), cuja edição era, aliás, conhecida de Cordier (cf. p. 90, n. 1).

Os trabalhos dos últimos vinte anos sobre a sintaxe latina podem considerar-se básicos na história desta disciplina, que deles saiu revigorada e mais esclarecida: eis o que demonstra F. Thomas, director de conferências na Faculdade de Letras de Lião, em «Estado e tendência da sintaxe latina» (pp. 93-103). Aluno distinto de Ernout e Marouzeau, o professor Thomas, a quem devemos uma recente e erudita tese sobre o conjuntivo latino, preconiza, para as futuras investigações, uma colaboração ideal entre os representantes dos métodos comparativo e clássico, ou seja, por outras palavras, da linguística com a filologia, de um Wackernagel com um Löfstedt, por exemplo.

Sobre a estilística, última aquisição dos estudos latinos, quem melhor poderia dissertar sobre ela do que o próprio Marouzeau, que a conquistou e sistematizou nos seus recentes *Tratado de Estilística Aplicada ao Latim e Compêndio de Estilística Francesa?* Os «Extractos de artigos do Sr. Marouzeau sobre a estilística» (pp. 104-116) sintetizam a doutrina do insigne Mestre, a cuja cristalização sinto orgulho em ter assistido, nos bancos da Escola de Altos Estudos de Paris. Insurgindo-se contra a confusão frequente que se estabelece entre língua e estilo, sublinha Marouzeau a noção de «escolha», que constitui a base de todo o estilo, — e é neste domínio quase ilimitado da escolha, quer dizer, de estilo, que se desenvolvem as delicadas argumentações de Marouzeau, todas ciência e subtileza. Como iniciação ao estudo do estilo, o autor propõe, entre outros recursos, uma série de investigações sobre a adaptação da linguagem ao pensamento: programa meramente indicativo, adversário das consabidas monografias estilísticas por autores (*A Língua e o Estilo de...*) e partidário das monografias por processos e tendências, «se é que finalmente se pretende introduzir a estilística, disciplina nova, nos domínios da linguística geral, donde foi injustamente excluída durante tanto tempo...».

Seguem-se dois relatórios consagrados a uma disciplina um pouco descuidada actualmente, além de carregada ainda de obscuridades: a métrica. O primeiro artigo («Tendências e lacunas dos estudos da métrica latina», pp. 117-122) é de J. Descroix, catedrático da Faculdade de Letras de Poitiers; o segundo, mais circunstanciado («A métrica de Plauto e de Terêncio», págs. 123-148), de L. Nougaret, brilhante discípulo de Louis Havet.

O problema das relações entre o grego e o latim, bastante desprezado também durante os últimos vinte anos, é examinado sob dois dos seus aspectos — traduções e importações de vocabulário — pelo hábil especialista que se revelou A. Dain, director de estudos na Escola de Altos Estudos de Paris («As relações greco-latinas», pp. 149-161). Artigo substancial e sugestivo, sobretudo no que se refere ao problema tão interessante e tão descuidado das traduções (1).

(1) Referindo-se às traduções que Cícero fez do grego, Dain afirma (p. 153): «Le poème d'Aratos ne nous est guère connu que par la

Com o título de «Para uma teoria do românico comum» (pp. 162-169), A. Burger, catedrático da Faculdade de Letras de Neuchâtel, milita a favor de uma teoria precisa do «românico comum» (expressão pela qual entende substituir a ambígua de «latim vulgar»); depois de um estudo comparativo das línguas românicas, o autor chega a conclusões bastante nítidas quanto à flexão nominal.

Este trabalho encerra o primeiro ciclo de estudos — «Linguística e filologia» — e anuncia o seguinte, consagrado à «História literária». Começa esta secção por um relatório, dos mais interessantes do *Mémorial*, dedicado aos «Problemas de história literária — Época republicana» (pp. 171-196) e devido a P. Boyancé, catedrático da Faculdade de Letras de Bordéus. O autor vê, entre o mundo grego e o latino, uma continuidade viva, dominada por um grande problema de cultura: a transmissão do que se tornou em seguida um humanismo de valor universal. Bem documentado, claramente exposto, norteado por vistas críticas originais, o relatório de Boyancé é o de um autêntico mestre, e lamento sinceramente que a brevidade destas notas me impeça de insistir no seu exame.

Os historiadores Salústio e César desfrutam, cada qual, de uma monografia especial. O primeiro é estudado por P. Perrochat, catedrático da Faculdade de Letras de Grenoble («Programa de estudos salustianos», pp. 197-214), e o segundo por P. Fabre, da Faculdade de Letras de Estrasburgo. Se bem que de interesse mais restrito, estes dois relatórios nem por isso são menos originais, visto Perrochat preparar um estudo mais vasto sobre Salústio e Fabre tencionar completar o *Corpus* cesariano, de que nos deu, na Colecção Budé, o óptimo *Bellum ciuile*.

version qu'il [Cicéron] en fit, conservée par un hasard extraordinaire». Ora esta afirmação encerra, pelo menos, duas inexactidões:

a) O original grego do poema de Arato ter-se-ia perdido, de tal sorte que o conheceríamos apenas através da versão fragmentária de Cícero. A realidade é que o texto grego nos foi *integralmente* transmitido: a sua última edição crítica foi publicada em 1921 por G. R. Mair, Loeb Collection, Londres.

b) Cícero seria o único tradutor dos *Fenómenos* de Arato. Afinal existem ainda duas traduções em verso, de Germânico César e de Avieno, já sem falar das versões perdidas de Varrão de Atax e de Ovidio, nem das duvidosas, de Júlio César ou do pai de Estácio. Cf. V. Buescu, *Les «Aratea» de Cicéron*, Paris-Bucareste, 1941 (Introd., p. 20).

Demais a mais, Dain parece inculcar que a versão ciceroniana nos foi transmitida por inteiro, quando, afinal, dela nos restam apenas 579 versos, dos quais somente 480 de tradição directa (o original grego conta 1154 hexâmetros, e consta-nos que Cícero traduziu quase verso por verso!). — Também não se compreende o que pretende A. Dain significar com a sua observação «conservée par un hasard extraordinaire»: o acaso que conservou os *Aratea* de Cícero é tão extraordinário ou tão pouco como o que conservou qualquer outra obra antiga, v. g., a de Lucrécio. Na pena do autor, tratar-se-á de uma expressão puramente expletiva? Ou far-se-á, pelo contrário, alusão a qualquer pormenor que desconhecemos? Se assim é, seria para desejar que Dain nos esclarecesse.

H. Bardon, catedrático da Faculdade de Letras de Poitiers, estuda «Dois problemas da literatura imperial» (pp. 232-240), a saber: 1) Os poetas épicos depois de Virgílio e Lucano; 2) As causas do declínio da literatura imperial. Trata-se de um artigo mais interessante nas conclusões do que na redacção, onde se encontram ideias demasiado gerais, votos demasiado ingénuos, citações antiquadas (p. 237: um estudo de 1877!), afirmações ousadas (p. 232: «poètes que l'on critique parce qu'on ne les lit pas») ou francamente injustas (p. 236: «Le culte étroit d'un Horace et, plus encore, d'un Virgile a été, pour les lettres latines, une catastrophe;... ce déplorable enseignement...», etc.). Ideias acanhadas de um especialista da literatura imperial, que decerto não serão aplaudidas por espiritos mais largos.

Bem mais reservado e melhor informado é o relatório de P. Courcelle, catedrático da Faculdade de Letras de Bordéus, sobre «Vinte anos de história da literatura cristã» (pp. 241-255), que vai até ao fim do séc. vi, considerado como o termo da antiguidade. Este digno sucessor de P. de Labriolle mostra-nos, num artigo em que abundam as perguntas, as dúvidas e as sugestões, que a literatura latino-cristã carece de instrumentos, ao ponto de apresentar problemas completamente obscuros, que nos impedem de constituir uma obra de síntese.

Avançando no tempo, Bossuat, catedrático da «École des Chartes» de Paris, dá-nos um sucinto «Resumo dos estudos relativos ao latim medieval» (pp. 256-270), estudos que estão quase todos por fazer nesse domínio pouco explorado: as obras literárias começam apenas a ser inventariadas, os instrumentos de trabalho escasseiam, as edições críticas faltam, etc. Matéria rica e variada, que aguarda ainda os seus beneditinos. «Mas como atraí-los para um terreno mal desentulhado, onde os primeiros passos são muitas vezes penosos e o esforço sempre mal recompensado?» — pergunta a si próprio o autor, ao propor a criação de um organismo internacional de colaboração entre os medievistas.

Continuando a estudar a evolução do latim no decorrer dos tempos, R. Lebêgue, catedrático da Sorbona, faz uma exposição sobre «O humanismo latino da Renascença» (pp. 271-284). É um artigo consagrado ao humanismo francês, no período compreendido entre o início do séc. xvi e 1637, data da morte de Peiresc. Domínio ainda mais inexplorado que o precedente, oferece múltiplas perspectivas sobre a vida dos humanistas, sua correspondência, suas obras, recíprocas influências, edições, traduções e sobrevivência dos clássicos nas suas obras, etc. Matéria muito variada e importante, na verdade, que merece a devotada atenção dos estudiosos em todos os países de cultura.

A terceira secção — «Ciências históricas e auxiliares» — principia por um artigo de A. Piganiol, catedrático do Colégio de França, sobre «As instituições romanas» (pp. 285-303), em que expõe, com bastante informação, o estado actual dos problemas, desde as origens até ao período do Baixo Império; e fá-lo com uma mestria que lembra Carcopino. — Recapitulando factos e sugerindo trabalhos, J. R. Palanque, catedrático da Faculdade de

Aix-Marseille, trata «Do Baixo Império em geral e da época constantiniana em particular» (pp. 304-315).

Erudição e nervo, coragem e firmeza, — eis o que revela o relatório muito pessoal de G. Dumézil, director de estudos na Escola de Altos Estudos, sobre «Os primórdios da religião romana» (pp. 316-329). Crítica as teses de Altheim e de Piganiol quanto à religião romana primitiva e preconiza um estudo dos elementos indo-europeus em Roma (instituições, rituais, lendas), para que se possa chegar enfim, graças ao emprego desses processos linguísticos, à reconstituição da religião indo-europeia comum, sob um aspecto que não seja nem esquemático, nem artificial. Os seus trabalhos dos últimos anos, que fizeram de Dumézil um indo-europeísta dos mais categorizados, tendem realmente para esse duplo fim.

O extenso relatório de J. Bayet, catedrático da Sorbona, sobre «A religião romana, desde a introdução do helenismo até ao fim do paganismo» (pp. 330-373), é um modelo de documentação e de método: a bibliografia recente encontra-se seriada neste estudo por períodos e por ideias, e submetida à crítica, sempre pertinente, de um profundo e arguto saber, bem conhecido daqueles que, como o autor destas linhas, tiveram a vantagem de ser seus alunos. — Seguindo o mesmo espírito, J. Zeiller continua o estudo crítico dos trabalhos mais recentes no seu artigo «Vinte anos de investigações sobre a história antiga da Igreja» (pp. 374-386), que recomendamos aos especialistas.

Entrando nos domínios da filologia jurídica, Pierre Noailles, antigo catedrático da Faculdade de Direito de Paris, dá-nos uma suculenta exposição do problema tão debatido ultimamente, «A crise do direito romano» (pp. 387-415), que não há muito fora ventilado também em Portugal pelo Prof. Cabral de Moncada (1). Este artigo pode considerar-se como o testamento científico de P. Noailles, que a morte arrebatou após a conclusão destas páginas. — Ainda no domínio jurídico, G. Le Bras, catedrático da Faculdade de Direito de Paris, assina uma crónica intitulada «Estudos latinos e direito canónico» (pp. 416-435).

Ch. Samaran, director de estudos na Escola de Altos Estudos de Paris, escreveu, por seu turno, cinco páginas (436-441) sobre «Paleografia latina». Embora esta disciplina seja o «domínio dos infinitamente pequenos», as poucas páginas — de generalidades — que lhe consagrou o primeiro paleógrafo da França são francamente insuficientes, e o autor sente necessidade de se desculpar, invocando as circunstâncias internacionais.

Extremamente interessante — dos mais interessantes até de todo o *Memorial* — é o artigo seguinte, que se refere a um domínio contíguo ao da paleografia: «A investigação dos manuscritos latinos» (pp. 442-457), assinado por duas ilustres senhoras do Instituto de Investigação e de História dos Textos, J. Viellard e M. Th. Bourel. Na convicção de

(1) «A actual crise do romanismo na Europa»: *Boletim da Faculdade de Direito de Coimbra*, 1940, p. 531 e segs.

que as bibliotecas da Europa escondem verdadeiros tesouros em matéria de manuscritos latinos, o saudoso F. Grat obteve em 1937 o apoio do Estado para fundar aquele Instituto, destinado à exploração completa e metódica de todas as bibliotecas europeias e à organização de cópias fotográficas — microfímes — dos manuscritos mais valiosos. Nos dois anos que precederam a guerra, uma delegação do Instituto percorreu a Europa, e os resultados são admiravelmente concretos: França, Espanha, Inglaterra, Holanda, Itália, Áustria, países balcânicos, revelaram as riquezas dos seus arquivos aos intrépidos investigadores, que tiraram cópias-microfímes *in extenso* da maior parte dos manuscritos clássicos latinos anteriores a 1200, preservando assim da completa inutilização pergaminhos que foram depois destruídos no decurso da última guerra. Outro trabalho, não menos precioso, consistiu em tirar do esquecimento códices de alto valor, desconhecidos até hoje pela inexistência de catálogos das respectivas bibliotecas; o Instituto estabeleceu verbeteiros com todos os títulos possíveis das obras antigas, uma tábua completa dos *incipit e explicit*, um verbeteiro dos fragmentos (que facilitará a identificação das citações dos florilégios), um repertório da literatura medieval, um repertório dos *incipit* das obras medievais, uma bibliografia da literatura inédita dos humanistas, etc. Juntem-se a isto as descobertas de manuscritos raros em obscuras bibliotecas, como a do único manuscrito conhecido de Sulpícia, no Museu Correr de Veneza; de um Salústio do séc. ix na Roménia; de um Juvenal do séc. x na Jugoslávia; etc. O aproveitamento destas descobertas tornará antiquada a maior parte das edições críticas actuais, e qualquer editor consciencioso deverá forçosamente começar por consultar o Instituto, que, na nossa época de trabalho por turmas, está destinado a revolucionar a história dos textos e a prestar serviços imensos aos eruditos de todos os países. — Portugal só terá a ganhar depois de uma tal campanha de investigação nas suas bibliotecas, atendendo ainda a que o Instituto possui também uma secção árabe.

A crítica de textos está representada pelo jovem investigador J. Andrieu, diplomado pela Escola de Altos Estudos, o qual assina uma série de «Princípios e investigações de crítica textual» (pp. 458-474), em que faz a história desta disciplina eminentemente delicada, trabalho minucioso e enorme que está na base de toda a edição crítica. As edições *uariorum* deram lugar, no séc. xix, ao princípio dos *stemmata*, introduzido pela escola dos Bekker-Orelli-Lachmann-Ritschl, princípio que Havet havia de sistematizar no seu famoso *Manuel*, convertido em alicerce desta disciplina auxiliar. Andrieu resume a doutrina de Havet, baseada no «erro comum», e faz a crítica dos inovadores Bédier-Don Quentin, para lembrar a contribuição de Clark, que completou Havet, invocando o princípio das lacunas. Bom trabalho expositivo, apoiado em exemplos concretos, e todavia inacabado: a crítica dos textos não é somente o labor preliminar que consiste na descoberta e classificação dos manuscritos de um autor a editar, mas também — e sobretudo — o trabalho bem mais delicado e mais pessoal que consiste na «crítica» propriamente dita, crítica das variantes e correcção do texto, a *emendatio*.

Longe das bibliotecas, conforme esclarece em nota, o epigrafista emérito que é M. Durry, catedrático da Faculdade de Letras de Paris, contribui unicamente com seis magras páginas intituladas «Latim e epigrafia» (pp. 475-480), que contém alguns votos e sugestões redigidas no estilo desenvolto que o caracteriza.—O amador de bibliografias desta disciplina está, pelo contrário, amplamente servido ao longo da contribuição de A. Merlin, membro do Instituto de França, intitulada «Vinte anos de estudos sobre epigrafia latina» (pp. 481-499), modelo de relatório crítico e bem informado.—Não menos documentado, e ainda mais extenso, é o relatório «Vinte anos de estudos sobre as artes da Itália antiga» (pp. 500-605), escrito por Ch. Picard, membro do Instituto e catedrático da Sorbona. Trata-se de um metódico e impressionante inquérito retrospectivo às investigações efectuadas em diversos países, exposição e guia de primeira ordem no que respeita à tradição estética dos Romanos nas diferentes manifestações da arte.—Este inquérito é continuado (com um pequeno interlúdio sobre «O serviço das antiguidades nacionais», de P. Wuilleumier, pp. 606-608) pelo relatório referente a «Os estudos galo-romanos» (pp. 609-627), de A. Grenier, membro do Instituto e catedrático do Colégio de França. Desnecessário encarecer o valor desta contribuição, porquanto é sabido que o seu autor mantém, desde há anos, a crónica galo-romana da *Revue des études latines* com uma proficiência e regularidade invulgares.—Restringindo ainda mais o quadro, J. Toutain, director de estudos na Escola de Altos Estudos, assina uma monografia respeitante à cidade favorita dos arqueólogos franceses: «Quarenta anos de escavações em Alésia» (pp. 628-640). Ninguém mais indicado para este relatório do que Toutain, que há trinta anos estuda o problema e realiza escavações nesta região, tornada célebre pelo final do drama que ali se desenrolou entre César e Vercingetorixe.

A quarta e última secção do *Mémorial*—«Ensino e documentação»— abre com um interessantíssimo artigo de A. Guillemin sobre «A pedagogia do latim» (pp. 641-660), no qual a autora se esforça por analisar os motivos determinantes da crise do latim que se notam por toda a parte, há perto de meio século. É necessário pôr de lado o anacrónico método pedagógico chamado «humanista», assim como o do «latim pela alegria» (pregado por Reinach e Pagot), ou o do «latim vivo», baseado em conversações latinas sem base nos textos. Eliminando o discurso e o verbo latino, restam cinco disciplinas auxiliares que devem concorrer para o ensino racional e frutuoso da língua latina: gramática, leitura com livro aberto, lição de texto, versão e retroversão. Para discussão destes pontos, aconselhamos o leitor a reportar-se ao artigo tão criterioso e variado de A. Guillemin.

Partindo do princípio que as grandes obras da literatura latina não despertam, junto dos nossos contemporâneos, o interesse que mereciam, J. Perret, encarregado de curso na Faculdade de Letras de Lille, pleiteia contra a «crítica erudita» feita por especialistas, em favor de uma «crítica criadora, estética», que permita ressuscitar os autores antigos. Insurgindo-se contra o «isolamento funesto» dos estudos de literatura latina,

Perret preconiza a infusão de um espírito novo nos velhos métodos: quer «simpatizar» com o autor antigo, «repensá-lo»,— ao contrário daqueles que, segundo o autor, não sabem senão observar e registar. Crítica de simpatia e de intuição, baseada no desdém metódico por tudo o que se tem feito, a tese de Perret, tão generosa como destrutiva, esbarra, porém, com uma grande dificuldade: a realização. Eis porque aguardo com interesse o trabalho construtivo de Perret, para melhor julgar das suas objecções e do seu ideal.

O último artigo do volume é devido ao Prof. N. I. Herescu, que comunica as conclusões a que chegou no seu recente e já clássico trabalho bibliográfico (1). «Percorrendo a bibliografia da literatura latina» (pp. 672-680), Herescu dá-nos um resumo crítico daquela matéria, indicando também o que importa ainda fazer ou refazer: edições com índices e léxicos críticos, comentários enciclopédicos, trabalhos gerais, monografias, obras de vulgarização ou de síntese, etc. A sugestão final, de recapitular e sistematizar as sugestões de trabalhos publicados desde há vinte anos pela *Revue des études latines*, encontra-se satisfeita no Índice que se lhe segue (pp. 681-686) e que encerra este substancial e imponente *Mémorial*.

Mémorial que abunda em factos referentes a todos os domínios da antiguidade clássica latina e que constitui um verdadeiro balanço dos progressos realizados nos últimos vinte anos e um eloquente testemunho de presença do brilhante escol francês que colaborou neste balanço, para honrar o Mestre, cujo nome aparece em quase todas as páginas, como um génio tutelar. «... Testemunho [...] da fé da França nos seus destinos, da vontade de trabalho da Sociedade de Estudos Latinos, tão confiante no futuro como orgulhosa do passado» (p. 6),— este *Mémorial*, homenagem da França a um filho ilustre, anuncia o seu complemento natural— os *Mélanges*, homenagem dos eruditos estrangeiros: pois, se Marouzeau honra, em particular, o nome de francês, pertence todavia, como sábio, ao mundo inteiro.

No final destas anotações, ao mesmo tempo demasiado longas e demasiado breves, pela sua natureza mais expositiva do que crítica; seja-me permitido aproximar, como um símbolo, esta recapitulação da gloriosa *Revue des études latines* e a aparição da jovem *Humanitas*, à qual desejo cordialmente um destino paralelo, para renovação dos estudos clássicos em Portugal.

VICTOR BUESCU

(1) *Bibliographie de la littérature latine*, Paris, Les Belles-Lettres, 1943. — V. a minha apreciação na *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, 1944, págs. 332-333.

N. I. HERESCU — *Bibliographie de la littérature latine*. Paris, Les Belles-Lettres, 1943. xviii + 426 pp. (in «Collection de Bibliographie Classique, publiée sous la direction de J. Marouzeau»).

Estão de parabéns os estudiosos das letras latinas: o aparecimento de tão valiosa obra, há muito considerada indispensável, a que em boa hora meteu ombros o douto professor N. I. Herescu, catedrático de Literatura Latina da Universidade de Bucareste e director do Instituto Romeno de Estudos Latinos, veio proporcionar a todos aqueles que se dedicam ao estudo dos problemas literários de Roma um guia precioso, que, poupando pesquisas inúteis grandemente trabalhosas, em muito facilitará a investigação científica.

A falta de uma obra desta natureza, que representasse para os estudos latinos o papel que relativamente aos gregos cumpria a *Bibliographie pratique de la littérature grecque*, de Paulo Masqueray, tão justamente célebre, lamentavam-na muitos latinistas, no primeiro plano dos quais se encontravam Marouzeau, Melle Guillemin, R. Lebègue. Os estudiosos estavam sujeitos à situação inglória de perderem em infindáveis buscas nas bibliotecas e arquivos, ou através de páginas de revistas, cujo número se tornava simplesmente assustador, com o contínuo avanço dos estudos da antiguidade, o tempo destinado à preparação dos trabalhos. Acrescia ainda que as bibliografias parciais insertas em vários livros incluíam obras medíocres e ultrapassadas. De tudo isto resultava muitas vezes, para quem enveredava por estes caminhos da erudição latina, um sentimento de desânimo perante as dificuldades da empresa, que se afiguravam insuperáveis.

A todos estes inconvenientes veio obviar o sábio professor romeno. Correspondendo ao apelo lançado por Marouzeau, num relatório acerca do problema da bibliografia e da documentação, apresentado, em 1932, em Nimes, ao Congresso da «Association Guillaume Budé», e consciente da urgência de um repertório bibliográfico que se não limitasse ao aspecto histórico, mas que servisse especialmente para orientar, preparou o presente trabalho.

Seguindo minuciosamente, com escrupulosa fidelidade, um plano paralelo à Bibliografia Grega de Masqueray, baseando-se na disposição dos assuntos nas histórias da literatura, de preferência à ordem alfabética, que não permitiria a fácil visão de conjunto de uma época determinada, preocupou-se o A. com o aspecto simultaneamente *analítico* e *crítico*. Assim, oferece-nos muitas vezes rápida súmula das conclusões de uma obra ou de um artigo, de uma dissertação ou de um programa, agrupando o material em volta dos principais problemas que o estudo de um autor possa sugerir, e orienta-nos pelo consciencioso juízo que sobre elas geralmente formula, por si ou referindo-se às opiniões de outros notáveis críticos. Quanto ao aspecto histórico, proporciona-nos também o estado das questões no momento presente, as aquisições da ciência e os pontos a esclarecer, ou seja o panorama geral dos estudos latinos.

Desde a época arcaica até à poesia cristã, dos primórdios a S. Paulo de Nola, — nem todos os autores são tratados com igual desenvolvimento. Temos, porém, de pensar, como lembra o professor Herescu, que os clássicos escolares têm sido objecto de maior número de estudos, além de que certas comemorações, sobretudo no que se refere a Virgílio, a Tito Lívio e a Horácio, provocaram uma quantidade de publicações verdadeiramente extraordinária. O repertório bibliográfico teria de ser forçosamente influenciado pela referida quantidade de produções científicas.

Para cada autor N. I. Herescu apresenta-nos cuidadosamente as menções dos manuscritos, dos escólios — se os há —, das edições e dos estudos. Acrescem dois índices: — um dos autores e outro das matérias.

Se as circunstâncias derivadas do terrível flagelo da guerra não permitiram que o livro, pronto desde fins de 1939, pudesse ser convenientemente actualizado para a publicação em 1943, o leitor poderá, porém, como nota o ilustre A., quanto aos trabalhos ulteriormente aparecidos, obviar a esse mal por meio da consulta de *L'Année philologique*.

E assim se poderá conservar sempre actualizada esta notável e valiosa obra, pela qual todos nós, que nos dedicamos aos estudos da literatura latina, devemos estar profundamente gratos ao professor N. I. Herescu, que com ela prestou à cultura clássica um alto serviço.

FELISBERTO MARTINS

W. F. JACKSON KNIGHT — *Roman Vergil*. Londres, Faber and Faber, 1944. — 1 vol. de viii + 348 pp.

A antiguidade clássica é de permanente actualidade. Como os escritores gregos e romanos fixaram de modo genial o homem, com as suas reacções de sempre, para bem os compreendermos, em formas concisas e esteticamente belas, será necessário lê-los; e desse convívio, através dos séculos, com os mais altos espíritos da humanidade, nunca nos arrependemos.

Há pouco representou-se entre nós com favorável acolhimento do público um peça inspirada em Sófocles — a *Antígona* de Júlio Dantas —, em que ideais modernos são sérvidos pelo tema imortal do tragediógrafo ateniense. E muitas vezes, em presença de factos do mundo contemporâneo, pensamos, quase involuntariamente, em figuras da opulenta galeria com que os antigos enriqueceram o pensamento humano.

No campo da filosofia Platão, Aristóteles, Plotino dominam sempre; nas belas-lettras Cícero, Horácio, Virgílio. Entre todos, um dos mais vivos é precisamente este.

Glorificador da grandeza romana, que transplantou para Roma as riquezas da epopeia grega, mestre da poesia bucólica e do poema didáctico, artista suave, cantor da ternura e da simplicidade, cheio de história, de

arqueologia e de filosofia, orientador da poesia e guia do Ocidente, Virgílio na elegância da forma e na majestade das ideias impõe-se (e desde logo se impôs) à admiração dos séculos. Objecto de constantes imitações, influenciou muitos poetas através dos tempos e foi também tomado para tema de inúmeros estudos eruditos.

A abundante bibliografia existente sobre o excelso poeta, de que recordamos, entre outros, os trabalhos de Sainte-Beuve, André Bellessort, T. R. Glover, E. Turolla, C. Verlatto, G. Lipparini, W. Wili, T. Haecker, A. E. Polit, vem juntar-se um livro de W. F. Jackson Knight, — interessante estudo em que a minuciosa informação do especialista se liga à clareza e à elegância da exposição.

O A., professor de literaturas clássicas no Colégio Universitário de South-West, Exeter, estudou o assunto com amorosa dedicação e profunda competência, já demonstrada noutros trabalhos sobre a mesma especialidade, tais como *Vergil's Troy*, *Cumaeen Gates* e *Accentual Symmetry in Vergil*, cuja preparação facilitou largamente a elaboração de estudo tão compreensivo e de maior alcance acerca do *altissimo poeta*.

Estamos em presença de um notável especialista em estudos virgilianos, que nos dá o estado das questões, a caminhar das extensas e proveitosas análises para as vastas sínteses, num bem documentado labor pessoal, em que avulta a comparação com outros poetas antigos e modernos, sobretudo de língua inglesa, como Shakespeare, Milton, Dryden, Tennyson, Coleridge, Kipling, e em que se apela muitas vezes para o testemunho de psicologistas, como William James, etc.

A obra contém sete capítulos, subordinados aos títulos seguintes: — I: O mundo anterior a Virgílio e o mundo de Virgílio; II: Vida e obras de Virgílio; III: Tradição e poesia; IV: Forma e realidade; V: Língua, versificação e estilo; VI: Poesia e manuscritos; VII: Virgílio e a posteridade.

Depois de modesta dedicatória — *discipulis discipulus* —, o A., senhor de larga cultura histórica, dá-nos um estudo profundo das sociedades anterior e coeva de Virgílio, com larga utilização de elementos arqueológicos e mitológicos e comparação detida com o mundo grego, nos seus aspectos político e histórico-literário: a tragédia, a comédia e a poesia lírica surgem diante de nós, evocadas com poderosa vivacidade, vivas através da arte que influenciaram, sem esquecer a poesia alexandrina, com Calímaco, Eufóion e o mestre da poesia pastoril, Teócrito.

Entra depois na descrição da vida do Poeta e na apreciação do seu labor literário. Além das vidas de Virgílio que a antiguidade nos legou — testemunhos de Sêrvio, de Donato, de Macróbio, etc. —, as de modernos como Tenney Frank. Desde o problema etimológico em volta do nome do Poeta, relacionado com a reputação de mágico de que gozou durante a Idade Média — o sentido da palavra *uirga*, varinha mágica, e o radical *mag-* do nome de mãe, *Magia Polla* —, o A. vai acompanhando o biografado através da sua vida em Cremona, em Milão, em Roma, e os acontecimentos políticos são descritos numa perfeita sincronização com a actividade literária.

Afforam-se as relações de Virgílio com Cornélio Galo, Quintílio Varo, Asínio Polião, e aparecem-nos os nomes prestigiosos de Horácio, de Sexto Propércio, de Albio Tibulo; e com Gaio Cilnio Mecenas e Marco Vipsânio Agripa, este irritado com a *cacoçelia* ou pretensos plágios do Poeta, eis-nos no âmbito de Augusto e na política de captação deste para com os literatos, que assim pretendia ligar à sua fortuna e à exaltação das glórias imperiais. Fala-se também da *Appendix Vergiliana* e do contributo que nos traria para a biografia de Virgílio e para a resolução de muitos outros problemas, se fosse provada a autenticidade virgiliana dessa colectânea.

Estudada a composição das várias obras do Poeta, encontramos nos no capítulo concernente à «tradição e à poesia». Vêem-se os processos literários dos outros poetas e os de Virgílio em relação a eles. O A. faz referência, dando-lhes o devido relevo, às ideias de Melle Guillemin sobre o *ἀγών* e a *retractatio* dos poetas. É curioso ver a atitude de Virgílio, adaptando expressões dos *Anais* de Ênio ou da *Cabeleira de Berenice* de Catulo, — a originalidade do processo poético virgiliano.

Vemos depois as dramatizações do Poeta e as criações da sua galeria de requintado artista. O A. entra no estudo da linguagem, e em especial da versificação e do estilo. Capítulo largamente instrutivo, como aliás os restantes. A propósito da pergunta de Dido: «*quae me suspensam insomnia terrent?*», a propósito dos sonhos falsos vindos através da porta de marfim, é relatada a explicação de Meillet da palavra *insomnium*, decalque de *ἐνύπνιον*, — e, como este caso, muitos outros, igualmente interessantes, são tratados com o mais largo desenvolvimento. Também minuciosos os estudos métrico e estilístico.

Nos capítulos seguintes, em que o A. se ocupa da história e da influência do Poeta na posteridade, as questões são, como sempre, discutidas de maneira extensa e profunda. Pode discordar-se de conclusões, opor restrições em ideias ou nalguma questão de método, mas não podem oferecer dúvidas a competência e o carinho com que os assuntos são tratados.

Segue-se copioso índice dos nomes e das matérias versadas.

É justa a apreciação do *Times Educational Supplement*. Depois de haver afirmado: «*it should satisfy all the demands of scholarship*», conclui: «*This is a full and comprehensive study of Vergil and Mr. Knight is to be congratulated on a work of the greatest interest.*»

Modelo de monografias acerca de autores antigos, trata-se de uma obra realmente merecedora do maior interesse — dos eruditos e admiradores do cantor das glórias de Roma. O público dispensou-lhe carinho acolhimento: a primeira edição esgotou-se em pouco tempo, e no mesmo ano de 1944, em Novembro, saiu uma segunda, a que tenho presente, ao redigir esta breve recensão, que visa a chamar para *Roman Vergil* a atenção dos estudiosos portugueses.

FELISBERTO MARTINS

L. P. WILKINSON — *Horace and his Lyric Poetry*. ix + 185 pp.
Cambridge. At the University Press, 1946.

A obra a que vamos referir-nos apareceu pela primeira vez em 1945. Estamos agora em presença de uma segunda edição, que traz a data de 1946, o que parece confirmar, por isso mesmo, os dois qualificativos mais evidentes que podemos atribuir-lhe: — útil e curiosa.

Fazer o desenvolvimento destes dois conceitos críticos é fazer a análise da obra de L. P. Wilkinson, a quem há que manifestar agradecimentos pela seriedade e espírito de autolimitação do seu trabalho, que se afirma plenamente consciente dos objectivos que o autor desde logo lhe marcou.

Prestar homenagem a Horácio, como poeta, no sentido actual da palavra, desfazer algumas ideias erradas e correntes a respeito do homem e do artista, e dar a tudo isto a feição didáctica acessível a estudantes de literaturas clássicas e a quantos podem ler e apreciar escritores latinos, eis as intenções do autor e eis o que nos parece ter conseguido satisfatoriamente.

Começando por notar quanto o carácter de Horácio era inconsistente, quanto as suas palavras nem sempre representavam os seus pontos de vista e como ele foi mudando com o decorrer dos anos, o autor vai buscar a estes mesmos factos a razão por que o Poeta, sem nunca ter agradado a todos, tem sempre agradado a muitos através dos tempos, e tem satisfeito a uns por aquilo mesmo por que tem desagradado a outros.

Partindo daqui, é fácil ver que a obra do autor não poderia adquirir qualquer timbre de exaltação incompatível com a serenidade crítica, e é também legítimo esperar que o seu trabalho haja sido posto na documentação e confirmação destas ideias.

Para tanto, e por isso mesmo que a obra se destinava a estudantes, o autor não se mostra partidário da frase de Donato, que cita na página vii do seu prefácio: *Pereant qui ante nos nostra dixerunt*. Pelo contrário, a sua obra vale em grande parte por constituir uma síntese crítica e *up to date* de toda a investigação histórica e literária horaciana, e, fazendo embora as suas restrições às opiniões alheias ou acrescentando algumas próprias, mantém em todas elas a serenidade convincente do analista.

Há, no entanto, bem definida e marcada no seu trabalho, uma delimitação que talvez não mereça a plena concordância de todos os seus leitores. L. P. Wilkinson entende que Horácio, como poeta, é quase exclusivamente o autor das Odes e dos Epodos, e não o das Sátiras e Epístolas. Porque o próprio Horácio considerava estas em plano secundário? Não só por isso, mas porque o autor vê nelas muito do conteúdo inerente à prosa e tem do conceito de poesia uma opinião *modernizante*, em relação aos próprios autores clássicos.

Os argumentos em defesa deste seu pensamento são vários e algo satisfatórios, embora possamos admitir um conceito mais largo e hete-

rogéneo de poesia. Não é este, porém, um campo onde se antevejam possibilidades de entendimento perpétuo entre as várias hostes poéticas, nem vamos nós aqui terçar armas por umas ou por outras. Apenas queremos indicar o ponto de vista do autor, que assim delimitou e restringiu o sector das suas reflexões críticas.

Horácio, poeta das Odes e dos Epodos... Para cabal interpretação da sua poesia lírica, assim compreendida, o autor distribuiu a sua matéria por sete bem ordenados capítulos. O primeiro é constituído por uma introdução, a cujo pensamento nos viemos referindo; o segundo fala-nos da vida e obra de Horácio; o terceiro do seu carácter e ideias; e os restantes da sua atitude perante a poesia, da ode horaciana, das possibilidades e dificuldades de tradução da sua obra poética e, em síntese, das vicissitudes da sua poesia no decorrer dos séculos.

Seguindo este plano, o autor rememora as datas mais significativas da vida de Horácio, as influências da convivência paterna e da academia de Augusto, as tentativas, coroadas de êxito, da adaptação da poesia lírica de Alceu e de Safo, e da métrica grega às leis peculiares do verso e do génio da *lingua latina*. Igualmente nos indica a maior ou menor repercussão contemporânea das poesias de Horácio, por vezes bem diferente da expectativa do Poeta, para depois passar em revista as impressões e comentários registados até hoje, a respeito das ideias e do carácter horacianos.

Com justeza, L. P. Wilkinson previne-se contra a tendência dos escritores romanos para escreverem em atitudes convencionais. Relembra as circunstâncias da aprendizagem literária latina, os temas de composição desenvolvidos sem intenção de originalidade ou de verdade íntima do escritor, e, por conseguinte, o perigo de tomarmos a poesia latina demasiadamente à letra e dela inferirmos para a vida e opiniões de cada poeta.

É de justiça notar que o autor nos dá a impressão de que não se esqueceu de tudo isto e de que o seu capítulo relativo ao temperamento e opiniões de Horácio lançou os seus alicerces em informações que não são exclusivamente nem primordialmente de natureza poética. Marcado o carácter individualista de Horácio, daí se faz notar como deriva o seu amor da mediania social, que, com o tempo, se acrescenta com a visão relativista dos casos individuais *sub specie aeternitatis* e como da sua natureza particularmente estética nasce um tipo de *humanitas*, que não tem o carácter de universalidade visível em Virgílio, mas quase se limita a uma *urbanitas*, que, embora não circunscrita a atitudes externas, encontra muito do seu prazer na sua manifestação.

Desenvolvendo esta síntese psicológica de Horácio, o autor documenta e explana as opiniões do Poeta referentes à religião, à vida e à morte, à moral, ao amor e à amizade, ao campo, ao humor e ao Estado. Nisto, muito do que foi dito até hoje é agora repetido novamente, mas o autor não perde a ocasião de precisar melhor uma ideia, restringir o alcance de uma opinião, alargar o âmbito de outra.

Assim, é-nos apresentado um Horácio céptico da existência real dos deuses, não religioso, no sentido actual da palavra, mas invocador das

divindades, por motivos literários e tradicionalistas, e racionalizador da mitologia greco-latina, segundo a prática comum da Grécia e da Roma do seu tempo. Aceitando o nome de Júpiter para equivalente do de César Augusto, significava com isso todas as limitações que a denominação comportava, mas reclamava para os poetas o poder de imortalizar os homens e elevá-los ao plano dos semideuses.

Crente de que a morte era o ponto final da vida humana, Horácio afasta-se da tendência e do sentir contemporâneos, mas isso mesmo vem encher de desesperança os seus versos, e aquele seu insistente *carpe diem* é menos um programa de vida do que um remédio para os seus males. Isto, porém, não o desinteressava dos problemas do comportamento moral, que apreciava na sua feição prática, influenciado pela convivência paterna, e, no ponto de vista teórico, pelos sistemas helênicos de filosofia, embora o Poeta preferisse moldar por si mesmo a sua própria e individualista filosofia da vida.

O seu sentido da amizade é mais persistente e sensível do que o do amor, o qual, sem nada de romântico ou de idealista, evitava contudo a desumanidade, pela ressonância de reais afeições, juntamente com um fundo de interesse pelas situações psicológicas do amor, literariamente herdado dos escritores greco-romanos de comédias e dos poetas alexandrinos.

Os méritos da vida campestre eram discutidos *ad nauseam* nas escolas de retórica, de modo que, juntamente com as intenções de Augusto e de Mecenas, não era difícil a Horácio ser levado a tratar o mesmo tema, embora o gosto e a plenitude com que o desenvolve traia nitidamente o seu próprio entusiasmo. Acreditava evidentemente na influência que a natureza podia exercer na sensibilidade poética, mas, em vez de admirar somente os lugares belos ou as excelências da cultura agrícola, tinha uma sensibilidade aproximada da dos modernos românticos, quanto aos lugares agrestes e solitários. E isto afirma-o o autor, em plena consciência de quem sabe o que diz a respeito de um poeta proverbialmente «clássico»...

No que toca às suas ideias em relação ao Estado, L. P. Wilkinson demora-se a comentar as circunstâncias em que Horácio escreveu odes cívicas ou poemas de inspiração patriótica, para concluir que muitas vezes são pura retórica e que o coração do Poeta não estava realmente neles. O seu entusiasmo por Octávio era afinal o complemento do seu horror pela guerra civil, não um programa de acção ou uma ideologia política. Evita ser o cantor da renovação nacional, apesar de solicitado para isso, escusando-se com ser poeta lírico e alegando que, por isso mesmo, o amor era o seu tema. Não simpatiza, contra o que no tempo se defendia em alguns círculos literários, com o culto da primitiva literatura romana, e, se no quarto livro das Odes Horácio parece escrever de acordo com a inspiração de Augusto, o seu dominante motivo é ainda a glória dos heróis e dos poetas. Por certo, com os anos, a sua admiração pelo imperador subiria de tom, mas nunca atingiria a plena compreensão que a obra de Virgílio revela do pensamento de Augusto.

Natureza poética, Horácio preferia conservar a liberdade de escolher os seus temas, por isso que tinha ideias próprias sobre a natureza da poesia. É o primeiro romano que sabemos ter estudado Píndaro e, por isso mesmo, o *os magna sonaturum* era olhado por Horácio como qualidade característica dos maiores poetas. Ele subscreve a «doutrina do sublime» defendida por alguns críticos gregos, para os quais o *ingenium* e a *mens diuinius* eram qualidades essenciais. Por isso mesmo, a sua Epístola aos Pisões, embora não seja uma *ars poetica* nem reflecta apenas o tratado grego de Filodemo, cujos fragmentos foram encontrados nas ruínas de Herculano, é, no entanto, influenciada pelos tratadistas helênicos, que assim dão a Horácio alguns tópicos que nem sempre representam os interesses imediatos do Poeta.

Usando livremente, como Virgílio, da matéria tradicional, Horácio utilizou-a em vários sentidos e, pelo menos nas Odes, transformou-a na sua própria matéria. Inimigo da poesia alexandrina, no que ela tinha de obscuridade sem capacidade de sugestão e de trivialidade conscientemente convencional, é preciso notar que Horácio apresenta manifesta influência de Calímaco, não só na feitura de algumas pequenas poesias, como na concepção da espécie de poesia que ele desejava escrever, aquela para que os fados lhe tinham dado *spiritum Graiae tenuem Camenae* e aquela que o levaria a apreciar os refinamentos da arte e a ficar *contentus paucis lectoribus*.

Por isso o autor se demora a anotar as qualidades da poesia lírica de Horácio, mais pelo lado negativo do que pelo positivo. A sua lírica é mais um produto da meditação do que da emoção imediata, e raramente sugestiva ou imaginativa. Poucas vezes as palavras sugerem algo mais do que permite o seu significado literal. Às vezes, porém, os fenómenos da natureza aparecem como símbolos de episódios da vida humana. Nas Odes, a surpresa é um elemento de vigor, mas geralmente Horácio não toca na ideia central como uma tangente nem procura a poesia de efeito: o seu objectivo era dar a expressão mais viva aos seus pensamentos e sentimentos, por banais que fossem, e tudo o mais estava sujeito a este propósito. Escolhido o metro para o seu assunto, Horácio sabia bem explorar-lhe todas as possibilidades, e o autor exemplifica essa capacidade horaciana, demonstrando ainda o seu sentido da sonoridade da língua e dos efeitos da colocação das palavras. Daqui parte logicamente para a necessidade de Horácio ser traduzido apenas por quem estiver seguro de possuir o ouvido de um poeta e o sentido do ritmo da língua em que o traduz.

A parte final do trabalho de L. P. Wilkinson historia brevemente a influência literária de Horácio, mas atenta sobretudo em Petrarca e no seu individualista sentido da glória literária, em Montaigne e no gosto de escrever de si mesmo, nos Jesuítas e nas suas edições «cristianizadas» de Horácio, em Ronsard e no seu conceito helênico da vida, em Du Bellay e na sua *Défense*, e em várias alternativas de apreço, derivadas de diferentes vogas literárias.

O autor, no entanto, não se esquece de aludir à mais importante e mais intangível influência de Horácio, — a do seu espírito e sensibilidade

artística em muitos e vários poetas, através dos séculos. Também nós não queremos esquecer o valor que o seu livro adquire por reavivar criticamente, e por contraste de luzes, a figura do velho poeta latino. Com o valor e seriedade de contributos como estes, Horácio poderia repetir agora, mais convictamente, o que escreveu há perto de dois mil anos: *Non omnis moriar...*

F. COSTA MARQUES

A. ERNOUT — *Philologica*. Paris, Klincksieck, 1946; vi + 232 pp., 8°.

A Editorial Klincksieck, manancial de tantas obras de vulto respeitantes à antiguidade e editora da *Revue de philologie*, não podia inaugurar com mais brilho a sua recente colecção de «Études et Commentaires» que com um livro de Alfred Ernout. Não me refiro a Ernout como membro do Instituto ou professor do Colégio de França, mas ao director da venerável *Revue de philologie*, cujo centenário coincide com a publicação dos *Philologica*. É de alguma maneira um volume festivo, que lembra o *Mémorial* ocasionado pelo aniversário da *Revue des études latines* e que junta mais uma vez, no espírito do leitor entendido, os nomes dos dois Mestres de quem a França e a filologia clássica se orgulham presentemente: Alfred Ernout e Jules Marouzeau.

Philologica é uma colectânea de dezasseis artigos e estudos que o autor publicou, entre 1921 e 1946, nos órgãos da especialidade (*Bulletin de la Société de Linguistique*, *Mémoires de la Société de Linguistique*, *Revue de philologie*) ou nos *Mélanges* oferecidos durante o último quarto de século a diversos filólogos (J. Vendryes, Ch. Bally, I. Rozwadowski, P. Thomas e M. Roques).

Desses dezasseis estudos, o único certamente inédito é o primeiro, e talvez o penúltimo, cuja proveniência não é indicada. Os respectivos títulos são: 1) «O vocabulário latino»; 2) «Os elementos etruscos do vocabulário latino»; 3) «*Adolēre, abolēre*»; 4) «*Allaiter et sevrer*»; 5) «*Augur, augustus*»; 6) «Os compostos latinos em *-cen, -cinium* e *-cino (r)*»; 7) «O grupo *cerno-cresco*»; 8) «*Cruor-cruentus*»; 9) «*Domus, fores* e seus substitutos»; 10) «*Ferae pecudes*»; 11) «*Illico-ilicet*»; 12) «*Senex* e as formações em *-h-* em latim»; 13) «Os nomes em *-āgo, -īgo, -ūgo* do latim»; 14) «Propércio, I, IX, 9-12»; 15) «Infinitivo grego e gerúndio latino»; 16) «As palavras latinas em *-tūs*».

Como se vê, a maioria destes artigos é consagrada ao elemento essencial de qualquer idioma, o vocabulário, estudado sob os seus dois aspectos diferentes: a história interna e as influências estrangeiras.

Na primeira categoria entram os capítulos dedicados a grupos como *adolēre-abolēre, cerno-cresco, illico-ilicet*, que demonstram que as associações de espírito são as únicas que contam para o sujeito falante, visto que

ele ignora a etimologia histórica. Os capítulos que tratam dos sufixos em *-āgo, -īgo, -ūgo*, dos compostos em *-cen, -cinium*, e das formações em *-k-*, conduzem o autor às mesmas conclusões que têm força de lei: degradação do sentido originário e extensão progressiva por via da analogia. A análise tão penetrante da evolução do grupo *domus-fores* tem a contrapartida nos dois estudos que revelam casos de conservação de vocabulário: conservação das palavras em *-tūs* (do tipo *senectus*) e conservação do processo indo-europeu que consiste no agrupamento assindético de dois termos opostos a indicarem um conjunto (tal o caso do «couple» *ferae pecudes* de Lucrécio I, 14, «de que os filólogos clássicos, ignorando a origem, desconhecaram o sentido», como sublinha o autor no Prefácio, p. v).

O segundo aspecto do vocabulário, isto é, as contribuições estrangeiras e a parte das influências dialectais, encontra-se sobretudo estudado no primeiro artigo, que reproduz a lição inaugural, em 1945, do ensino do autor no Colégio de França. O problema, mais melindroso, do elemento etrusco é tratado num artigo especial, o segundo da colectânea.

A segunda categoria dos estudos oferecidos pelos *Philologica* é consagrada à sintaxe, examinada sob dois aspectos: a autonomia dos casos (a propósito de uma passagem de Propércio) e os helenismos da sintaxe latina (partindo da aparente identidade do infinitivo grego e do gerúndio latino).

Tal é o rico conteúdo do volume que Alfred Ernout acaba de nos oferecer. A diversidade dos assuntos é compensada por uma unidade de método e de doutrina onde se alia admiravelmente o sentido da medida e da clareza, característico do Francês, com um saber tão profundo como prudente, característico do autor dos *Philologica*.

O ilustre Mestre, a par da sua sabedoria, transmite-nos a sua profissão de fé, — nobre e vibrante mensagem que vem lembrar muito oportunamente «la vitalité et l'intérêt toujours actuel d'études que certains esprits d'aujourd'hui condamnent un peu vite, sous prétexte qu'elles ont fait leur temps. Elles ont pourtant contribué à l'élaboration d'une culture dont l'esprit humain a largement bénéficié; elles peuvent et doivent continuer à jouer ce rôle» (p. vi).

VICTOR BUESCU

ANTONIO TOVAR — *Gramática histórica latina — Sintaxis*.

Madrid, Afrodísio Aguado, 1946; xv + 235 pp.

O Prof. Antonio Tovar, catedrático de latim da Universidade de Salamanca, é uma das mais completas e mais brilhantes figuras do actual movimento filológico espanhol. Profundo no grego e no latim, dotado de boa cultura no campo de linguística geral, novo humanista do Renasci-

mento nos tempos desordenados em que vivemos, a sua operosidade incansável, manifestada na elaboração de estudos e de edições críticas e de traduções de obras clássicas, assim como em colaboração constante na revista *Emerita*, proporciona frequentemente aos estudiosos opimos frutos de tão útil labor.

Depois de *Lingüística y filología clásica, su situación actual*, em que apresenta os problemas da filologia greco-latina como a actualidade científica os encara, agora, empreendeu a publicação de uma *Gramática histórica latina*, de que nos dá o volume correspondente à sintaxe.

Obra elaborada com meticoloso cuidado, fruto de constantes consultas e da frequente compulsão das melhores fontes e dos mais consagrados tratadistas da especialidade, — não pretende o ilustre A. trazer-nos novidades, ciente, como está, de que a sintaxe acusa progressos muito lentos, a tal ponto que na respectiva concepção lógica gozam de perfeita actualidade as ideias de um escolástico do século XII, Alexandre de Villa Dei.

Apoia-se sobretudo nos grandes mestres alemães, como J. B. Hofmann e Wackernagel, em Löfstedt, em Havers, e algumas vezes em Riemann. Não inova nem discute, aduzindo argumentos abundantes e nimamente probativos, opiniões pessoais laboriosamente architectadas: o seu plano é outro, — informativo, pretendendo apresentar um resumo dos conhecimentos actuais, a síntese das tendências actuais, que uma documentação rigorosa convenientemente ilustra.

Prefere, por isso, muitas vezes os critérios tradicionais, devido à evolução lenta que caracteriza a sintaxe, e que se não compadece com os arrojados daqueles que pretendem a todo o transe a originalidade, ou que se deixam suggestionar por aparências falazes. Nota-se isto em todo o livro, em especial na doutrina das orações, em que é mantido o conceito das completivas, e em que as subordinadas conjuncionais obedecem às classificações aristotélicas e à lógica de Port-Royal. O critério tradicionalista escolheu-o o Prof. Tovar, também, entre outros motivos, pelo valor didáctico que estes critérios antigos tantas vezes possuem e que muito facilitam não só a aquisição, mas igualmente a compreensão dos fenómenos.

No problema dos helenismos, ontem tão debatido e desmesuradamente amplificado, podemos verificar, como aliás em todo o trabalho, um exemplo da correcção, do equilíbrio, do bom senso do A. Não lhe consagra capítulo à parte, encontrando-se o seu estudo disseminado pelo livro. Cuidadoso com a actualização da bibliografia, na medida do possível, não menciona, a propósito desta matéria, o livro de Brenous sobre os helenismos na sintaxe latina.

Todo o livro está modeladamente bem feito, dando-nos, em excelente exposição, o estado actual dos estudos da sintaxe latina, com o comentário histórico apropriado e a devida, escrupulosa indicação das fontes. Excelente manual para o uso quotidiano de todos aqueles que queiram dedicar-se ao conhecimento da filologia latina, e desta província tão importante que é a dos estudos sintácticos.

Pena foi que o A. tivesse nesta edição deixado de lado a *syntaxis ornata* ou estilística, tão profundamente ligada à sintaxe propriamente

dita, de que é o necessário complemento. Esperemos, porém, que noutra edição o livro seja ampliado com mais este estudo, como aliás o A. nos promete, bem como no que diz respeito à comparação mais extensa com a sintaxe das línguas modernas.

A filologia clássica espanhola está na realidade a ocupar, no concerto dos cultores das ciências da antiguidade em todo o mundo, um lugar de bem merecido realce. Obras como esta do Prof. Tovar, a juntar à tão importante de Bassols de Climent, *Sintaxis histórica de la lengua latina* (ainda em publicação), honram quem as escreve e a ciência de um país. Perante trabalhos desta natureza e deste valor, formularemos o voto, a desvanecer uma apreensão do A., que a desorientação contemporânea origina, de que os estudos gregos e latinos não morrerão: a Europa não praticará tal acto de traição ao seu próprio espírito, e, passada a febre de materialismos, que já forneceu tão tristes provas à humanidade, há-de continuar a reconhecer a necessidade, cada vez maior, de juntar ao utilitarismo o equilíbrio da cultura — ciência e arte — que através dos tempos a tem inspirado e informado.

FELISBERTO MARTINS

VITTORIO DE FALCO — ALUIZIO DE FARIA COIMBRA — *Os Elegíacos Gregos — De Calino a Crates* — Com texto crítico, tradução em versos portugueses e notas. 1: Calino-Arquíloco-Tirteu-Ásio-Semónides-Mimnermo». — São Paulo, 1941. 291 pp.

Como ainda estamos pouco habituados a encontrar edições de autores clássicos em língua portuguesa, principalmente quando se trata de escritores gregos (1), é motivo de satisfação para todos quantos se dedicam aos estudos da filologia clássica ou simplesmente apreciam com grande prazer estético as obras-primas do génio helénico e da arte do Lácio, o aparecimento de trabalhos como este, que em 1941 saiu dos prelos da Sociedade Impressora Brasileira, de Brusco & C.^a, em São Paulo.

Sê-lo-ia pela raridade, devido ao desamor que injustamente envolveu esta província da cultura, contra o qual — e ainda bem! — se vai produzindo salutar reacção entre nós e nas terras de Santa Cruz, onde também nasce, se enraíza e frutifica o gosto da cultura clássica. Mas é-o ainda pelo valor intrínseco, — obra de erudição, segura, rigorosa, modelada em vernácula linguagem.

(1) Possuímos, todavia, obras como a edição da *Sátira contra as Mulheres*, de Simónides de Amorgo, da autoria do Prof. Rebelo Gonçalves, Lisboa, Imprensa Nacional, 1930. Mas este exemplo ainda não foi devidamente imitado.

Toda a literatura da Grécia, pela frescura, originalidade e elegância, é susceptível de provocar fundo interesse. Se é lícito, porém, estabelecer preferências adentro dela, o campo do lirismo é decerto um dos mais atraentes, e a elegia, nas suas múltiplas características — cívica ou patriótica, gnómica ou filosófica, amorosa ou sentimental —, destaca-se, fecunda em sugestões culturais ou filológicas.

Foi esta matéria tão rica — a elegia — o assunto escolhido por Vittorio De Falco, catedrático da Universidade de Nápoles e professor, desde Fevereiro de 1939, de Língua e Literatura Grega na Faculdade de Filosofia da Universidade paulista, para a boa edição crítica que nos apresenta, traduzida, em versos que imitam, no possível, a métrica clássica, pelo seu antigo aluno Dr. Aluizio de Faria Coimbra, professor de Língua Latina no Colégio Universitário de São Paulo, e à qual o A. acrescentou profusas anotações e comentários.

Obra de colaboração, é o próprio De Falco que nos elucida acerca do que a cada um dos colaboradores cabe: a ele o estabelecimento do texto, a parte crítica, as notas; ao seu colaborador «a tradução em versos brancos de todas as elegias, fragmentos e citações poéticas do texto e das notas, na qual conseguiu sempre, sem excepção alguma, guardar o mesmo número de versos do original e a máxima fidelidade possível, assim no espírito como na letra». O trabalho foi baseado na *Anthologia lyrica Graeca*, de E. Diehl, vol. 1, *Poetae elegiaci*, 2.^a ed., Bibliotheca Teubneriana, 1936, cuja ordem e numeração dos fragmentos foi respeitada, com a adição apenas, para maior elucidação do estudioso, da numeração, colocada entre parênteses, da colectânea de Th. Bergk, *Poetae lyrici Graeci, pars II — Poetae elegiaci et iambographi*, 4.^a ed., Leipzig, Teubner, 1915.

O A. diverge destes dois notáveis sábios no que respeita a Arquiloco, cuja matéria elegíaca dispõe em capítulo especial, o que não poderia deixar de ser, tratando-se de uma obra dedicada aos elegíacos gregos. Os outros compiladores encaram-no principalmente como iambógrafo, visto que foi esta a actividade literária em que mais se evidenciou. Igualmente diverge de Diehl e de Bergk ao estudar Safo, Erina, Anacreonte e os dois Simónides, — mais notáveis na poesia mélica ou iâmbica.

Criteriosamente, a cada capítulo juntou o A. uma bibliografia em referência ao poeta analisado, «não uma relação exhaustiva... que levaria o leitor a perder-se num *mare magnum* de indicações..., mas uma lista de fontes, onde se colheram as contribuições alheias aproveitadas», e que considera «o que de melhor se publicou a respeito», — isto sem falar na bibliografia geral, que antecede o trabalho.

Na Introdução lemos uma rápida história da elegia grega, em que se apontam as origens prováveis, se enunciam as hipóteses apresentadas quanto à história do distico elegíaco, e, depois da decomposição deste nos dois versos que o constituem, somos informados do que se tem dito a propósito do aparecimento do hexâmetro e do pentâmetro. Refere-nos De Falco com pormenorização as hipóteses — uma das quais, a de Usener, se me afigura sobremaneira aliciente —, e conclui, objectivamente, que «a

verdadeira origem da palavra *ἔλεγος* permanece, porém, obscura», podendo atribuir-se-lhe somente, com segurança, origem não helénica e um uso primitivo de servir para designar só o pentâmetro (p. 30).

A Introdução acrescenta copiosas notas e indicações bibliográficas.

Começa propriamente a obra na p. 39: breve estudo histórico e literário de Calino de Éfeso e os fragmentos elegíacos, com a tradução poética ao lado, na outra página, de modo a permitir uma rápida e imediata consulta ao texto e à versão, — depois as notas e a bibliografia. É este o processo seguido para Arquiloco, Tirteu, Ásio, Simónides e Mimnermo. Os estudos mais extensos são os referentes a Arquiloco — por quem o A. parece nutrir especial predilecção —, a Tirteu e a Mimnermo.

O impiedoso iambógrafo, eterno descontente e desprezador contumaz da sociedade, destaca-se sobretudo pela «intensa e marcada realidade humana». O A. biografa-o com cuidado, explicando o desequilíbrio psicológico do poeta pelo conflito existente no seu espírito entre o orgulho de casta do pai nobre e o sentimento da baixa condição da mãe escrava. Da derrocada das ambições, dos sonhos de amor e de glória, fica uma amargura que se traduz, em violenta reacção, na negação dos valores morais, na arrogância desprezadora. E vêm as invectivas a Licambes e à família deste, a um falso amigo, e o célebre episódio do arremesso do escudo, que na história literária greco-latina surge, com larga representação, em Alceu, em Anacreonte, em Horácio...

Como há-de explicar-se este último episódio? A não se tratar de simples bravata, de arrogância bem arquiloqueia, parece-me justa a interpretação do A., que vê nele manifestação clara de que Arquiloco «não se sentia preso às apreciações do vulgo e ostentava, com insolente coragem, o seu desprezo pelos preconceitos dominantes» (p. 70), em vez das opiniões de Jaeger, para quem o poeta pretende despir, por inajustável à realidade, o manto, pesado em demasia, da expressão épica, ou de Hauvette, que acha nesta atitude do poeta apenas um adiamento, a escolha de melhor oportunidade para prosseguir na luta. Se o artista de Paro marca uma posição de franco egoísmo, tantas vezes de insolente maldade, afirma, todavia, em relação aos contemporâneos, frisante e altiva superioridade intelectual.

Homem que se compraz na materialidade grosseira, nos quadros de gosto inferior ou sentido equívoco, homem de ódios e desprezos, a empunarem, sob o aspecto moral, um nome que muitas vezes os antigos colocaram próximo de Homero, alguns momentos de ternura surgiram também, como fresco oásis, na sáfara amargura de bastantes composições. Lembra-se a descrição da figura de Neobula, a brincar cândidamente com um ramo de mirto e com uma rosa, deixando a cabeleira solta espalhar-se-lhe graciosamente pelos ombros.

Todavia, julgo duvidoso em tal personagem o entusiasmo, o alvoroço pudico de adolescente tímido, que anseia por tocar, religiosamente, na mão da amada. Em vez do acusativo de relação, acho preferível, pelo conhecimento que as restantes composições dele nos fornecem, ler aqui,

com Hiller-Crusius, uma forma de dativo, embora os poetas mais grosseiros, possam apresentar, também, como refrigério para o leitor, quadros de encantadora simplicidade: — é ver no mesmo a descrição da figura de Neobula atrás citada, e confrontá-la com certa comovedora poesia de Marcial (v, 34), dedicada à memória de uma pequenina escrava.

Vem depois a elegia bêlicamente dórica de Tirteu, historiada com o mesmo vigor e necessário desenvolvimento. Dá-nos vivo retrato do poeta, pondo-o em destaque, apesar das infiltrações lendárias, que a envolviam num véu de mistério e de contradição. Quanto ao *papyrus Berolinensis 11675*, dá-nos as restituições do texto apresentadas por Gercke, Sitzler e pelo próprio A. Aqui, como aliás em quase toda a obra, quando menciona as suas investigações pessoais, refere-se a si próprio de modo impessoal, sem dúvida para maior objectividade: «Restituição de De Falco», «para De Falco...», etc. (passim), — sistema que tem antecedentes históricos em Tucídides, Xenofonte e César.

Estudados os dois disticos de Ásio — interessante quadro de costumes, a descrever-nos um parasito, que, sem convite e sem a devida veste nupcial, vem assistir a bodas por certos comentadores consideradas como sendo as do nebuloso pai de Homero —, depara-se-nos Simónides de Amorgo, que o A. chama *Semónides*, baseado em afirmação célebre de Querobosco. Esta informação, porém, assenta sobre as etimologias fantasistas dos antigos, como o próprio A. confessa, empregando a distinção gráfica apenas por comodidade, devido à «maior facilidade que permite na menção dos dois poetas» (p. 206). É certo que a confusão, existente desde a antiguidade, entre este poeta e o de Ceo, devido a os nomes serem grafados ambos com ι (Σημωνίδης), teve como resultado a atribuição a este último de várias composições do Amorgino; mas, como também na antiguidade aparecia a grafia com η (Σημωνίδης) para o lírico de Ceo e o nome do iambógrafo escrito com ι (1), prefiro adoptar o critério da escrita com ι, aliás a de mais uso entre os antigos (2), e portanto *Simónides* para os dois.

Deste poeta publica-se uma elegia de carácter gnómico, inspirada no conhecido episódio de Glauco, do canto vi da *Iliada*: — a comparação da brevidade da vida com a das folhas, que rapidamente murcham e desaparecem, concluindo Simónides por dar conselhos sensatos. Na notícia histórico-literária e nas notas vêm a tradução e o texto de um fragmento iâmbico do mesmo Simónides, em que surge idêntica ideia da instabilidade das coisas terrenas e idêntico preceptorado moral.

E entramos em Mímnermo, o precursor da nova feição, plangente, melancólica e amorosa, que dominou na escola de Alexandria, inspirou os elegíacos latinos e informou a elegia dos tempos modernos. Estão bem estudadas as composições e bem traçada a figura deste curioso poeta, autor de versos guerreiros, cultor da poesia histórica, mas apaixonado

(1) Cf. Rebelo Gonçalves, *op. cit.*, p. 20.

(2) Veja-se a p. 205 do trabalho em análise.

nado sobretudo pela matéria amorosa, — verdadeiro tipo da mentalidade pagã, sequioso dos prazeres proporcionados pela loura Afrodite, obcecado, porém, de modo permanente, pelo quadro angustiante da fugacidade desses gozos.

É este o conteúdo do primeiro volume da obra sobre os elegíacos da Grécia que nos dão Vittorio De Falco e Alúzio de Faria Coimbra.

Antes de concluir esta recensão, quero ainda referir-me a alguns pormenores vocabulares. Os nomes gregos, como os latinos, estão, no geral, bem reproduzidos em português. Algumas formas, como por exemplo *Solão*, põdem todavia chocar-nos, pelo seu aspecto desagradável e fora dos hábitos da língua portuguesa contemporânea no que concerne a tais nomes. Palavras há que se me afiguram menos justificáveis: *Clitemestra*, *Erinas*... Porque não *Clitemnestra* e *Erinies*, como as formas gregas *Κλυταιμνήστρα* (1) e *Ἐρινίες* pressupõem? Em vez de *catalexis*, considerada como plural, acho preferível o emprego do plural helénico *cataléxeis* (*καταλέξεις*) ou o aportuguesamento *catalexes*. Leio *Amorgos*, *Ceos*, *Teos*, *Quios*, *Paros*, etc.: *Amorgo*, *Ceo*, etc., são mais conformes à evolução normal para o português das palavras greco-latinas de tema em o. Encontro também um verbo *exceler*, entroncado correctamente no latim *excellere*, porém de uso raríssimo no português.

Semelhantes discrepâncias, lexicais ou de outra natureza, não impedem que guardemos com interesse a continuação desta excelente obra. E sirva-nos um livro como este de estímulo para prosseguirmos, sem esmorecimentos, na campanha em prol de uma escola portuguesa de filologia clássica, cujo auspicioso alvorecer não tardará decerto.

FELISBERTO MARTINS

M. L. CLARKE — *Greek Studies in England (1700-1830)*. Cambridge. At the University Press, 1945, 255 pp.

Como o título da obra indica, estamos perante uma resenha histórica da actividade e da cultura helénica inglesas, no período que vai do princípio do século xviii ao segundo quartel do século xix, e que abrange, na opinião de Housman, a idade de ouro da instrução pública em Inglaterra.

Com ela se procura mostrar, em quinze capítulos cuidadosamente ordenados e documentados com abundância convincente, qual o grau de perfeição que os estudos helénicos atingiram nesse período, qual a sua

(1) Embora exista uma antiga forma *Κλυταιμνήστρα* (relacionada com *μῆδομαι*), cumpre-nos preferir *Κλυταιμνήστρα*, que é a forma clássica (relacionada com *μνάμαι*). Por outro lado, *Clitemnestra* tem maior difusão em português.

evolução, e de que modo, através das suas figuras mais marcantes, como Bentley e Porson, se foram orientando no sentido das novas inclinações sociais ou dos novos caminhos de investigação científica.

Os estudos helénicos deixam de ser primordialmente postos ao serviço da teologia, que deles se utilizara na discussão de pontos controvertidos da Bíblia, e passam a ter importância por eles próprios, ou como ornamento social de cultura necessário para cargos e promoções a novos cargos, ou para satisfazer necessidades de informação técnica, como, por exemplo, as da ciência médica do tempo.

As traduções de autores gregos não eram forma pouco rendosa das actividades editoriais. Por sua vez, a *nobility and gentry* do século xviii, dado que o latim era língua vulgarmente conhecida, encontrava nos estudos do grego um elemento de bom timbre social, e muito do estilo da sua vida, dos seus hábitos políticos e maneiras de pensar era influenciado pelo conhecimento e visão do mundo antigo. A Câmara dos Comuns ressoava muitas vezes com os acentos da eloquência de Demóstenes. O jovem Pitt lera a maior parte dos clássicos com o seu mestre, em Cambridge. E a voz da aristocracia e dos homens de Estado revelava o mesmo interesse pela literatura grega e latina, onde, na frase de William Pitt a seu sobrinho Thomas, aparecia a virtude *in its true signification*.

É certo que o helenismo destes homens, nos princípios do século xviii, era limitado, e revelava uma visão simplificada do mundo antigo. Mas, no fim desse mesmo século, o conhecimento da Grécia, graças ao trabalho de crítica das escolas, ao labor dos arqueólogos e à visão dos homens de letras, era maior e mais justo, e um novo Renascimento, desta vez da Grécia e não principalmente da Itália, atingia a sua floração.

Para nos documentar tudo isto, para nos fazer assistir aos efeitos sociais do ensino do grego nas escolas e nas universidades, para nos mostrar quanto a história, a filosofia, a poesia e o drama, a arqueologia e a arquitectura helénicas alimentavam ou condicionavam o labor mental da Inglaterra neste período, o autor não podia deixar de ser obrigado a cuidadosa informação bibliográfica relativa a escolas, programas, edições, traduções e estudos originais desse mesmo período.

Mas não podia ficar por aí, evidentemente. Era necessário mostrar que os estudos helénicos se não haviam confinado aos trabalhos filológicos e a um criticismo verbal que ignorasse o gosto e a beleza das composições literárias. Por isso mesmo, num campo e noutro, ao sujeitar a sua matéria a cuidadoso exame, o autor parece ter tomado para si aquele mesmo sentido do rigor que Porson estabelecera para a correcção dos textos: *Nihil contemnendum est neque in bello neque in re critica*.

É isto que dá à sua obra um tom de segurança natural, criador de convicção da parte de quem o lê. E, apesar da aridez da matéria, a expressão é fácil e concisa, sóbria e clara, entremêda por vezes de reflexões, que mostram quanto o autor tem consciência da importância dos problemas que historia, e do valor relativo de cada um deles.

Ao mesmo tempo, faz-nos assistir à evolução do interesse que os estudos helénicos alimentavam. E assim, ao passo que, inicialmente, o

estudo de Homero estava relacionado com os estudos bíblicos, a crença de que a literatura grega tivera origem hebraica vai desaparecendo, e Homero passa a ser comparado, não com a Bíblia ou com Virgílio, mas com Ossian e com outros poetas de diferente tradição. Ia-se entendendo que os grandes assuntos da natureza eram comuns a todos os poetas. E, em 1773, Macpherson publicava uma tradução da *Ilíada* escrita no estilo dos poemas ossiânicos, numa espécie de prosa rítmica.

Deste modo sentimos a influência que o romantismo literário nascente trazia aos próprios estudos clássicos e, por outro lado, assistimos igualmente ao aumento do interesse pelos historiadores e filósofos gregos, e não só pelos poetas e dramaturgos. Ao sentimento inglês de liberdade e de patriotismo importava reconhecer na vida heróica da Grécia antiga e nos seus pensadores a existência de iguais ou de similares sentimentos.

Esta obra de M. L. Clarke, tão laboriosamente organizada e com tão meditada informação, não é pois somente uma útil monografia para a história da educação clássica na Europa. Não dá apenas, a quantos ignoram ou mal conhecem a história da vida mental inglesa, um quadro bastante completo de um dos sectores mais importantes da sua cultura. Faz-nos sentir também a lenta evolução dos interesses ideológicos e afectivos da Inglaterra, e, sem deixar de satisfazer fundamentalmente aos propósitos exarados no seu título, ilumina, incidentalmente, outros campos da vida inglesa.

Eis duas razões suficientes, segundo cremos, para louvarmos e aplaudirmos o seu autor.

F. COSTA MARQUES

FRANÇOIS DE DAINVILLE, S. J. — *La naissance de l'humanisme moderne*. T. 1, xx-390 pp. Paris, Beauchesne et ses fils, éditeurs, 1940. — *La géographie des humanistes*. xviii-562 pp. Paris, Beauchesne et ses fils, éditeurs, 1940.

Com estes dois estudos apresentou-se o autor ao doutoramento na Faculdade de Letras de Mompilher. Sobre assuntos diferentes, um serve, contudo, de complemento ao outro, e daí o mesmo título que os encima: «Les jésuites et l'éducation de la société française». Em ambos é preciso reconhecer a seriedade de trabalho do autor. A informação bibliográfica é rica e ao corrente das mais recentes publicações. A investigação sobre fontes inéditas conservadas em bibliotecas e arquivos franceses, principalmente, foi feita em profundidade. A bibliografia portuguesa relacionada com esta matéria está, porém, ausente; e sem dúvida que os trabalhos, v. g., de Teófilo Braga, A. J. Teixeira, P.º Francisco Rodrigues, P.º Serafim Leite e Dr. Mário Brandão seriam contributo valioso.

No primeiro pretende dar-nos obra de síntese sobre o ensino ministrado pela Companhia de Jesus nos seus colégios. A luta do Humanismo para triunfar da Escolástica, o interesse da Companhia pelas artes liberais e preponderância de certas disciplinas, e a evolução do primitivo plano de estudos são tratados minuciosamente. Em capítulo especial toda a parte pedagógica é posta em relevo.

Como é natural, o ensino religioso e de formação moral, que o autor justifica, é tratado com grande desenvolvimento: — prémios, castigos, emulação... O ensino religioso está mesmo na base da orientação pedagógica da Companhia: pretende-se sobretudo formar bons cristãos.

Estudo de conjunto que desce até às instalações dos colégios e sua administração interna.

As origens pedagógicas da Companhia são também estudadas. Inácio de Loiola foi menos criador do que sistematizador de práticas antigas. Entre todos, adoptou o *modus parisiensis*. A originalidade assenta fundamentalmente no método: combinação de elementos contrários. Não rejeita por completo a Idade Média e aceita favoravelmente o Humanismo. Pretende-se a fusão, em certo sentido, da literatura profana com a sagrada.

Estas origens prendem-se a instituições que poderemos chamar portuguesas. Loiola foi aluno em Santa Bárbara e foi ainda Diogo de Gouveia quem recomendou a Companhia a D. João III. É possível que do ensino barbista se tenha aproveitado. Fonte mais provável da «Ratio studiorum» é, porém, o Regulamento do Colégio da Guiana, dirigido por André de Gouveia.

O estudioso de assuntos clássicos encontrará ainda elementos úteis: a importância das línguas clássicas e sua metodologia, a pronúncia do grego, o ciceronianismo.

O segundo estudo ocupa-se do ensino da geografia, em França principalmente, ao longo dos séculos XVI e XVII. O Humanismo abandona a geografia legada pela Idade Média. O contacto cada vez mais íntimo com a antiguidade clássica revela a nova geografia. Aristóteles é ponto de fé e sê-lo-á ainda por longo período. De tal maneira que, em dado momento, a antiguidade clássica, favorecedora dos progressos geográficos, dificultará a sua evolução.

Em boa parte de Quinhentos o interesse pelos assuntos geográficos é, contudo, muito limitado: a França estivera até então preocupada com as guerras de religião. Mas ainda antes do findar deste século iniciam-se as traduções. Dos portugueses, Castanheda e Osório são vertidos em francês. A geografia passa a estar na moda. Aparece em França uma verdadeira poesia didáctica.

O interesse aumentou: por causas políticas, sem dúvida; mas as fundamentais são ainda o Humanismo e as Missões. «Par la curiosité de connoître plus particulièrement les oeuvres de Dieu», não se vê oposição entre o Cristianismo e a literatura pagã. Os novos conhecimentos geográficos são aceites. Os alunos fazem a sua preparação de humanidades

sobre temas geográficos. Homero, Cícero e Virgílio são comentados com auxílio das Cartas das Missões.

A contribuição portuguesa, resultante dos Descobrimentos e Conquistas, é incontestável e acabará por abalar o prestígio de Aristóteles. Pelas informações de missionários portugueses ou estrangeiros ao serviço de Portugal, a Companhia estabelecerá muitas vezes a sua orientação definitiva. A experiência triunfa da autoridade. A imagem do mundo alargase. Os Jesuítas aceitam favoravelmente os novos factos. O conhecimento directo e aprofundado das regiões descobertas é indispensável para a pregação da Fé: a geografia é posta ao serviço da salvação dos infieis.

Pelos meados do século XVII a geografia descritiva declina e o Humanismo acompanha a sua decadência.

LUÍS DE MATOS

ERNESTO FARIA — *A Renovação Actual dos Estudos Latinos*, 41 pp. Rio de Janeiro, 1945. — *O Latim e a Cultura Contemporânea*, 258 pp. Rio de Janeiro, 1941.

O opúsculo a que acima inicialmente nos referimos constitui uma oração de sapiência proferida pelo autor na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.

Membro da mesma Faculdade e naturalmente qualificado para tratar o assunto com a autoridade do seu saber e da sua experiência, Ernesto Faria procurou sintetizar em poucas palavras, limitadas pelas circunstâncias a que se destinavam, algumas das ideias fundamentais que mais de espaço expusera na sua obra anterior — *O Latim e a Cultura Contemporânea*. E, porque este último tema se reveste para nós de uma actualidade inegável, atentas as aspirações de reforma dos estudos secundários e superiores, não será certamente inútil fazer a esta obra de Ernesto Faria uma referência mais larga, por tudo quanto ela contém de elementos capazes de esclarecer a opinião pública portuguesa.

Ernesto Faria é professor de latim desde 1923. O conspecto das suas obras já publicadas ou em vias de publicação denuncia da sua parte, ao lado de uma preparação científica actualizada, uma orientação didáctica de veras louvável, condicionada pelas necessidades do ambiente cultural brasileiro e, por isso mesmo, mais directa e proficiente.

Figuram entre as suas obras não só aquelas que poderíamos considerar subordinadas a intuítos de divulgação histórica e literária greco-latina, como também outras de intenção escolar mais determinada. Em todas elas é fácil descobrir que Ernesto Faria se apresenta familiarizado com as mais recentes aquisições da filologia clássica, mas que também não perde de vista os problemas da educação e da cultura em geral. A sua experiência do magistério dá às suas publicações um sentido utilitário, no

significado didáctico da palavra, sem que por isso percam a segurança científica imprescindível. O *Vocabulário Latino-Português*, que data de 1943 e que veio suprir uma grave lacuna nos livros escolares dos nossos estudantes, revela ao mesmo tempo uma informação filológica actualizada e um claro sentido da didáctica mais moderna. O *Latim e a Cultura Contemporânea*, por sua vez, adquire uma feição mais geral, torna-se um livro de divulgação inteligente e, ao mesmo tempo que informa e esclarece, mostra-nos que o seu autor não utiliza o saber greco-latino como instrumento sem ponto de apoio, antes sabe referi-lo a outros problemas da cultura e dar-lhe o alargamento de horizontes necessário.

O *Latim e a Cultura Contemporânea* está subdividido em duas partes fundamentais: I—*A questão do latim*; II—*As modernas directrizes do ensino do latim*. E estes dizeres poderiam levar-nos a imaginar que o autor se gastou a repetir fórmulas retóricas de defesa dos estudos humanistas ou que, quando muito, se dispôs a relembrar em termos modernos esses imponderáveis elementos formativos das línguas antigas, em que geralmente têm assentado os partidários destes estudos. Sem dúvida, o autor não se esqueceu de carrear para a sua obra os vários elementos de informação susceptíveis de iluminar o problema. Mas a sua atitude foi mais inteligente e objectiva e, por isso mesmo, mais convincente.

Toda a primeira parte do seu trabalho é uma larga resenha da real situação do estudo do latim, nos grandes centros culturais da Europa e da América, e das alternativas de favor e desfavor por que tem passado, após o advento dos estudos modernos. Ela só chega para nos informar de que muitos argumentos actuais e contrários ao estudo do latim não passam de uma reedição de outros já feitos em velha data, e já de há muito rebatidos pela experiência de diversas nações. Da leitura desta primeira parte, fica-se com a certeza documentada de que não há que fazer experiências onde elas já foram feitas e avaliados os seus resultados desastrosos.

Mas Ernesto Faria não se limita a documentar historicamente este capítulo dos estudos latinos. Vai também buscar a força das suas razões a relatórios oficiais do *Bureau International d'Éducation* e aos resultados estatísticos e decisivos da *Classical Investigation*, realizada há poucos anos nos Estados Unidos, com aqueles apuros de técnica e com aquela amplitude a que estamos habituados. Procura, e com êxito, chamar à liça aqueles mesmos que, por sua formação científica moderna, mais desfavoráveis poderiam julgar-se aos estudos clássicos. E, para que não pareça ocultar os argumentos contrários e as opiniões adversas, não deixa de registar umas e outras, sem os rebater com mais ou menos habilidosa ginástica verbal, mas contrapondo às razões alheias os dados da experiência já verificados.

Registe-se, porém, que Ernesto Faria não cai no exagero sentimental dos que, a todo o pano, pretendem reviver tempos que não voltam e recriar circunstâncias culturais impossíveis e retrógradas. Como pedagogo avisado, não ignora que os extremos são prejudiciais a qualquer obra de formação, que só pode existir onde existir equilíbrio. Não deseja

que os estudos humanistas se tenham por antagónicos das humanidades modernas e estas daqueles, antes confirma a necessidade de uma cultura harmoniosa, que as truculências de espíritos apaixonados, politicamente responsáveis, não têm deixado constituir seriamente.

Toda a primeira parte da sua obra tende a mostrar que grande número dos argumentos apresentados contra o ensino do latim derivou da resistência posta por este e pelos que representavam a tradição pedagógica ao ensino e conhecimento das ciências modernas. Desta atitude de antagonismo e de quase monopólio das letras clássicas se tem vindo a cair no extremo oposto, com visível prejuízo da formação integral do homem. Esta nova querela dos antigos e modernos tem-se afastado do ponto em que devia ter surgido e se devia ter mantido sempre: — o da conciliação dos interesses de um e de outro sector do espírito humano. Os mais autorizados representantes do mundo pedagógico, e até do mundo científico, reconhecendo-o, dão lugar marcado ao ensino do latim. E Ernesto Faria, sem defender para este exclusivismos indefensáveis, lealmente reconhece que os objectivos fundamentais do latim são agora diversos, como é diversa a sociedade contemporânea, e que o seu estudo deve fazer-se em ordem às mais recentes aquisições da linguística.

Para grande número de países da Europa e da América, a «questão do latim» não constitui o problema de saber se devem ou não estudá-lo aqueles que desejam adquirir uma cultura intelectual rudimentar, mas um pouco liberta das necessidades materiais mais prementes. A opinião dos responsáveis e dos experimentadores de vários países, de características sociais bastante diversas, não deixa dúvidas sobre a resposta afirmativa.

A «questão do latim», portanto, acha-se reduzida, para nos servirmos das palavras de Ernesto Faria, «a uma simples questão de metodologia do latim, que actualize o seu ensino em função de suas novas finalidades. A novos fins devem corresponder novos meios». E ninguém que tenha prestado ouvidos atentos às objecções erguidas pelos adversários do latim deixará de reconhecer que a maior parte delas deriva de uma realidade pedagógica deficiente, do mau ensino que desse mesmo latim se faz, e não do próprio latim. Terá também nisto parte o exagero de certa corrente pedagógica de precipitadas afirmações, para a qual a menor exigência de esforço e a visibilidade prática e imediata dos conhecimentos são consideradas a panaceia universal dos males pedagógicos contemporâneos. Mas, sem dúvida alguma, o que avoluma o movimento de antipatia pelo estudo do latim é a má preparação de alguns agentes do ensino e as más condições de aprendizagem que os programas, a idade escolar e o tempo para ele destinado criaram à sua volta.

Por isso, Ernesto Faria reservou para a segunda parte do seu trabalho o estudo de *As modernas directrizes do ensino do latim*. Mas, como estas não-de estar condicionadas pelos objectivos que se desejam alcançar, logo de início pôs todo o seu cuidado em documentar, não em opiniões de antigos escritores naturalmente influenciados pelo seu tempo, mas nos resultados de inquéritos recentemente feitos a individualidades de vários sectores, esses mesmos objectivos. Assim pôde determinar, sem carácter

dialéctico ou filosófico, mas a partir de dados concretos, os diferentes objectivos do ensino do latim e subdividi-los em objectivos de carácter pragmático, disciplinar e cultural.

Assim fixados estes objectivos por um processo alheio à sua própria opinião, antes de harmonia com as opiniões concordantes de vária origem, Ernesto Faria estava agora em terreno próprio para indicar com o seu saber e experiência os novos caminhos pedagógicos que o latim deveria trilhar em nossos dias. Foi o que fez nos últimos capítulos do seu trabalho, que em grande parte revestem o aspecto de um compêndio actualizado e moderno da didáctica do latim.

Conjugavam-se aqui a sua informação linguística e a sua já larga experiência de professor. Sem dúvida, as indicações que nos dá sobre os textos latinos destinados a edições escolares, sobre a composição, versão e tradução latinas, sobre a orientação linguística do estudo gramatical, sobre a aquisição do vocabulário e sobre o comentário dos textos poderiam ser mais numerosas e pormenorizadas, se o seu intuito fosse esse mesmo. Outras serão, para especializados, de somenos importância. Mas Ernesto Faria procurou sobretudo fazer obra de divulgação, apontar caminhos, orientar futuros professores de latim. E este louvável e benéfico objectivo foi visivelmente alcançado.

Por certo, perante uma obra em que se expõem pontos de vista pessoais sobre a didáctica de uma disciplina, nem sempre a experiência de um professor coincide com a de outro professor. Nem sempre um processo utilizado produz os mesmos efeitos. Nem sempre os resultados concretos da nossa actuação são suficientemente apreensíveis e distintos, para que possamos marcar uma orientação decisiva e outros venham a seguir sem hesitação os nossos passos. Há sempre o imponderável da presença, da irradiação e da capacidade do professor que faz variar todos os outros factores. Mas as orientações mais gerais do ensino do latim, os seus objectivos mais evidentes e o modo de os alcançar estão patentes neste livro, com clareza e com exemplificação suficiente.

É verdade que a obra de Ernesto Faria procura atender às necessidades do público a que se destina e da realidade pedagógica que o rodeia. Por isso também, certas reflexões críticas sobre os métodos de ensino tradicionais deixariam de ter oportunidade e até correspondência à verdade dos factos, se as tivéssemos como referentes a Portugal e a outros países, onde o ensino do latim nos cursos secundários e superiores já de há muito vem beneficiando das luzes da moderna filologia clássica.

Igualmente é verdade que, no propósito de indicar para o ensino do latim directrizes compatíveis com as modernas realidades sociais, poderá parecer que Ernesto Faria teve o intuito de apresentar um latim sem lágrimas, para engodo e atracção de meninos pouco trabalhadores. A eliminação da versão, composição e conversação latinas como processos de aprendizagem — seja qual for a idade e grau dos estudos —, embora defendida pelas figuras intelectuais que cita, poderá merecer diversos comentários segundo pareceres também diversos, e por vezes alicerçados em experiências didácticas não desprezíveis. A utilização de textos neo-

latinos, mais susceptíveis, pelo seu conteúdo, de interessar adolescentes — apesar dos argumentos de outra ordem que podem contrapor-se-lhe —, talvez muito experimentador didáctico a defenda e a aproveite, com bons resultados.

Mas tudo isto são pontos de vista, ângulos de incidência e fontes de reacção que em nada diminuem o valor desta obra de Ernesto Faria, cujo mérito fundamental está em conglobar, em fácil leitura e clara ordenação, os problemas mais instantes do ensino do latim. E poucas vezes o terão sido com tanta isenção e objectividade. Isto nos basta para desejar que esta obra seja largamente conhecida entre nós e contribua para o esclarecimento imparcial de tantos espíritos responsáveis.

F. COSTA MARQUES

O professor de Grego não regeará nunca Latim, assim como o de Latim não regeará Grego. É impossível — afirma-se — estar ao corrente dos problemas que respeitam às duas línguas e civilizações. Adentro das duas culturas o professor limita ainda o seu campo de investigação: os professores Chapouthier e Bayet põem quase inteiramente de parte na explicação de autores o estudo linguístico do texto, para se consagrarem à análise das ideias; os professores Mathieu, Ernout e Marouzeau fazem sensivelmente o contrário. Por isso não é de estranhar o valor das teses universitárias. O plano é previamente submetido ao Conselho da Faculdade e a tese só pode ser apresentada mediante a aprovação da Universidade. Não há precipitações na sua redacção. Qualquer estudo de investigação histórica ou literária leva frequentemente dez anos a concluir. O que é mais significativo é que o candidato trabalha a grande maioria das vezes em estreita colaboração com o professor da especialidade.

Mestres competentes, excelente tradição cultural, ambiente propício, organização adequada e especialização das matérias de ensino, e contacto directo entre professor e aluno, — tais são as condições em que se desenvolvem os estudos clássicos em França.

LUÍS DE MATOS

pelos Profs. Bayet e Marouzeau, para só falar de textos publicados por Les Belles-Lettres; e ainda a Introdução à *Iliada* pelo Prof. Mazon (com a colaboração de Chantraine e Collart) e a *Gramática Homérica* de Chantraine.